John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

Rodrigues 1659

Valle Cabral 770 — uncommon

MEMORIA CONSTITUCIONAL,

E

POLITICA

SOBRE O ESTADO PRESENTE DE PORTUGAL

E DO BRASIL.

Da veniam scriptis, quorum nec gloriæ nobis
Caussa, sed utilitas, officiumque, fuit.

Ovid. ex Pont. III. 9.

MEMORIA
CONSTITUCIONAL E POLITICA
SOBRE O ESTADO PRESENTE DE PORTUGAL, E DO BRASIL;
DIRIGIDA
A
ELREY O SENHOR
DOM JOÃO VI.
E OFFERECIDA
A SUA ALTEZA
O
PRINCIPE REAL
DO REINO UNIDO
DE PORTUGAL BRASIL E ALGARVES,
E REGENTE DO BRASIL,

POR
JOSE' ANTONIO DE MIRANDA,
Fidalgo Cavalleiro da Caza de Sua Magestade, e Ouvidor eleito do Rio Grande do Sul.

RIO DE JANEIRO. 1821.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.
Com Licença de S. A. R.

Descend du haut des cieux, auguste Vérité,
Répands sur mes écrits ta force et ta clarté :
Que L'oreille des Rois s'accoutume á t' entendre.

Henriade de Volt.

Tú, Augusta verdade, dos Ceos désce,
Tua força, e clareza, em meus escriptos
Derrama, porque então os Reis attentos,
Lhes prestem seus ouvidos; só tu pódes
Anunciar-lhe, o que elles saber devem.

SENHOR.

O Amor da Patria foi o unico motivo que me determinou a redegir a presente Memoria, que tenho a honra de offerecer á V. A. R.: Eu acabava de chegar de Portugal, quando a escrevi. Conhecia perfeitamente a triste situação dos Póvos em geral, e ainda tinha os ouvidos atûrdidos dos clamores da sua miseria, e desgraça. O meu projecto foi apresentalla á Sua Magestade ELREI O SENHOR D. JOAM SEXTO; todavia, hum incidente (que aponto no seguinte prefacio) imprevisto, me fez desistir da minha empresa. Com a aclamação, e juramento da Constituição no memoravel dia 26 de Fevereiro, em o qual V. A. R. desenvolveu grandes Virtudes, parecendo o Anjo da paz, e da concordia, e immortalizando o seu Heroismo pela sabedoria, e moderação com que conciliou os mutuos deveres entre ELREI Seu Augusto Pai o Senhor D. JOAM SEXLO, e o Povo Portuguez, raiou a aurora da Liberdade para os Povos do Brasil, e todo o mundo respirou. Alguns amigos meus, que conhecião a sinseridade

das minhas intenções, persuadirão-me que a offerecesse á V. A. R. A opinião que fórmo das eminentes Virtudes de V. A. R., o respeito que V. A. R. tem pela Opinião publica, e a liberalidade de idéas, que tem manifestado, podendo com razão chamar-se o Principe Filosofo do seculo presente, são motivos urgentes para me animar a ter a honra de levar á Augusta Presença de V. A. R. a presente Memoria, presando infinito que ella seja digna do acolhimento, e benevolencia de hum Principe Regente, Ornado de sublimes virtudes, Herdeiro do Throno, Esteio da Monarquia, e Grata Esperança de todos os Portuguezes. Deos guarde por muitos, e dilatados annos a Sagrada Pessoa de V. A. R.

De V. A. R.

humilde e respeitoso subdito.

José Antonio de Miranda.

PREFACIO.

A Invazão dos Francezes em Portugal, contra todo o Direito das Gentes, despertou o brio, e patriotismo Nacional. Todos os Cidadãos se converterão em soldados, e defensores da Patria, e o Paiz tornou-se todo hum theatro de guerra, e hum Campo de Marte. E eu não obstante o estar a entrar na vida da Magistratura, tambem cingi huma espada, fiz-me soldado, e servi durante a guerra, já na qualidade de Capitão de hum Batalhão de Atiradores, já na de Tenente Coronel do Regimento de Milicias de Miranda do Douro. Em tão criticas circunstancias, foi hum dever sagrado para todos os Portuguezes o combater pela independencia da Patria, segurança do Throno, e santidade da Religião Feita a paz pedi a minha demissão, e depois de ter servido em Portugal o lugar de juiz de Fóra d' Aviz, com o predicamento de Correição ordinaria, e com a minha certidão do corrente prompta, sahi de Lisboa em 23 de Agosto proximo preterito, e cheguei a esta Corte em 16 de Outubro, convencido de que só me convinha servir onde estivesse ElRei o Senhor D. João Sexto. A noticia dos successos de Portugal chegou aqui quasi ao mesmo tempo, e eu fiquei surprendido com taes accontecimentos, porque na minha sahida de Lisboa tudo ficava tranquillo.

Logo que os acconteeimentos de Portugal transpirárão no publico, começou-se a fallar muito das deliberações dos Conselhos, que Sua Magestade repetidas vezes convocava. E eu ouvi coisas tão imprudentes, e tão impoliticas, que me estimulárão a redegir esta Memoria, com o destino de a apresentar a Sua Magestade. Antes de o fazer porém, tive a indescripção de a mostrar a tres Bachareis, cujos nomes não pnblico, e algum destes (não sei qual ao certo) fallou della a hum despresivel espião do Ministro de Estado Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, para o qual desde logo fiquei compromettido.

Este espião era hum desgraçado, que tinha vinde de Pertugal, fugido das Cadêas, e perseguido de crimes; e aqui achárão os seus delictos recompensas que elle nunca podia nem devia esperar. E assim se abusava da confiança do Soberano! e do Decoro da Nação!

Depois do dia memeravel de 26 de Fevereiro não tive duvida de mostrar aos meus Amigos esta Memoria guardada desde o tempo do meu compromettimento; os quaes me aconselhárão que quando não a apresentasse a Sua Magestade, que ao menos a offerecesse a S. A. R., no que convim; para que mesmo S. A. R. soubesse a natureza dos meus crimes, qne erão só o ser amante do Rei, e da Patria, e da Religião, do que tinha dado provas manifestas no discurso da minha vida tanto publica, como particular, e da minha pequena carreira tanto militar, como civil.

Nunca fui Cortezão, nem lisongeiro, antes pelo contrario senti sempre por força de

educação, ou temperamento, huma força repulsiva, e invencivel em meus sentimentos, para me contrafazer, e tomar as variadas formas de Prometheo, como muitos fazem; todavia, em abono da verdade, e da justiça, não posso deixar de mencionar hum facto digno de ser sabido por todos os Portuguezes, e de se gravar com letras de ouro nos Fastos lusitanos.

Conhecendo pois, que esta Memoria era muito liberal, e não tendo motivo algum para duvidar da franqueza dos sentimentos de S. A. R. o Principe Regente, todavia, recordava-me com sentimento do que me tinha accontecido; e por isso desejava muito saber com certeza, se ella seria inteiramente conforme aos sentimentos de S. A. R., e conseguintemente bem recebida, quando tivesse a honra de lha offerecer pessoalmente. Offereceo-se-me pois esta occasião, e eu não a perdi.

O Ministro da Guerra e Marechal de Campo, Carlos Frederico de Caula, fez-me o favor de a apresentar a S. A. R., e, no acto de lha entregar, confessou-lhe ingenuamente, como he proprio do seu caracter, que a Memoria era feita por hum individuo que desejava offerecerlha, mas que todavia era muito liberal, e muito Constitucional. A estas palavras, tornoulhe o Principe em resposta, com hum ar mais serio, e como estranhando a reflexão que lhe fazia de ser muito Constitucional. *Pois que Caula! Ha alguem mais Constitucional do que eu? Mais Constitucional do que eu só a mesma Constituição!!!* Pensamento sublime que por si só basta para fazer a Apologia de hum Principe.

Quando o mencionado Ministro me referio o que

tinha passado com S. A. R., e a Resolução que, depois de ler a Memoria, tinha tomado de a mandar immediatamente publicar por meio da imprensa, confesso que fiquei admirado, e surprendido. Este dito faz muita honra a qualquer particular, que o proferisse, e he sobremaneira recomendavel em hum Principe, e mais admiravel ainda, porque este grande pensamento, assim como o de dizer que o maior incommodo, e pezo, que sente, he o ter nascido Principe, nascem naturalmente de seu Regio, e bem formado coração.

Hum Principe, que tem tão franca linguagem, que se desvela pelo bem Publico, que aborrece o fausto, vivendo como hum particular, e cujo coração nunca pôde ser invenenado, nem corrompido pelo halito impestado, que devia respirar na sua infancia, e juventude, no meio de Cortezãos prostituidos, e de Validos corrompidos, não posso deixar de lhe chamar o primeiro Principe Fylosofo da Europa. Este Principe faz já, e fará sempre as delicias dos Portuguezes, como Marco Aurellio fez as dos Romanos do seu tempo, e será o ornamento, e a maior gloria dos Portuguezes.

E Vós Monarcas, e Principes da Europa, deslumbrados pelo brilhantismo dos Vossos Thronos no meio do Vosso fausto, e Poder, vinde apprender com este Joven Principe, o modo de governar os Povos, e a arte de os fazer felices, e venturosos; o qual, a inda que na primavera de seus annos, e sem ter ainda visto os costumes de muitas, e diversas Nações, he muito superior a Vos em talentos, e virtudes.

Elle já mais annuirá aos Vossos Congressos de Laybach e Troppau, em que tendeis jurado desterrar da Europa, com canhões, e baionetas as luzes, e a Fylosofia juntamente com a Liberdade. Santa Fylosofia, bemfeitoria Liberdade, tu poderás ser abafada, e comprimida, mas nunca de todo destruida, e tua luz brilhante, mais clara ainda que a do Sol, dessispará sempre mais cedo, ou mais tarde, as trévas da ignorancia, e os monstros do fanatismo, e do Governo feudal, e despotico.

Eu nunca me lembrei que S. A. R. Mandasse publicar esta memoria, que redegi em huma agitação continua, como era até aqui a de hum pertendente, sem socego de espirito, sem soccorro de livros &c., todavia lisonjeo-me muito que esta seja a vontade de S. A. R., com a qual desejo compraser, como para que todos os Portuguezes conheção que os meus desejos são que cada vez se aperte mais, e estreite o laço do Reino Unido de Portugal, Brasil e algarves, para gloria do Throno, e prosperidade de Nação Portugueza.

SENHOR.

QUando ha commoções Politicas, e a Patria está em perigo, quando os espiritos demagogos semeão a anarquia, a qual quando não produza a subversão, e dessolução do Estado, faz quasi sempre derramar torrentes de sangue, causando males incalculaveis; quando, torno a dizer, ha commoções politicas, e a Patria esta em perigo, he do dever de todo o cidadão honrado, fiel, e benemerito, a proximar-se do Augusto Throno de V. Magestade para lhe expôr, e fallar com o mais profundo acatamento, e respeito, a linguagem da verdade narrando-lhe com franqueza os males da Nação, as suas causas, os unicos; e verdadeiros remedios, que lhe convém deixando neste caso de ser homem de Côrte, como disse o nosso Seneca Portuguez *Sá e Miranda*; em huma Epistola ao Senhor D. João III. de gloriosa memoria.

Homem de hum só parecer,
De hum só rosto, huma só fé,
D'antes quebrar, que torcer;
Elle tudo póde ser
Mas de Corte homem não he.

He pois, Real Senhor, nestas circunstancias, que eu penetrado do mais profundo respeito, e aproximando-me ante o Throno de V. Magestade, ouzo, sem ser Conselheiro, expôr a V. Magestade os meus sentimentos tão puros, e sinceros como existem em meu coração.

Oiço, Senhor, dizer que em Portugal ha grande descontentamento, e que até já se tem manifestado, por hum modo bem claro, o desejo geral de Cortes para remediar osmales da Nação. V. Magestade porém, não se deve assustar com taes accontecimentos, por quanto na Sua Mão está o a placar taes desordens, e dar prompto remedio a semelhantes males. Estes accontecimentos todos tem seus motivos, assim como todo o effeito a sua causa. e as causas de taes successos são o descontentamento dos Portuguezes pelo abandono, a que tem sido reduzidos de ha dez, ou doze annos a esta parte; mas não tem sido certamente a falta de amor a El-Rei o Senhor D. João VI, e menos a falta de saudade por V. Magestade, e toda a Sua Real Familia. Eu passo a expôr a V. Magestade as causas do descontentamento dos Portuguezes deste a sua origem.

Quando V. Magestade se transportou em 28 de Novembro de 1807 para os Estados do Brasil, declarou que na paz geral voltaria para a Sua antiga Côrte de Lisboa. Naquella época ficou Junot com hum Exercito Francez, roubando, destruindo, e devorando os Portuguezes, como o sedento lobo faz a inermes, e mansos cordeiros. E os Portuguezes cançados de tanto soffrimento acclamarão a V. Magestade, determinados a morrer antes, que soffrer hum tão pezado, e vergonhoso jugo Francez. A Inglaterra abrio os seus thesouros, e mandou hum Exercito com Chefes experimentados, que derrotou, venceo, e deu a Lei aos Francezes nos Campos da Roliça, e do Vimeiro. A tão gloriosos accontecimentos seguio-se a paz;

alias a Convenção de Cintra, em que necessariamente devião só intervir Portugal, e França, todavia, os Inglezes fizerão o que lhes pareceo, e os interesses de Portugal forão tidos em menos preço. He verdade que alguns Generaes Portuguezes protestárão contra os artigos de semelhante Convenção, mas o resultado de taes protestações foi nenhum. He tambem verdade que se leo em huma gazeta Ingleza, que a nòdoa, e infamia, que a Inglaterra tinha contrahido com Portugal, era tão grande, que senão podia levar com quanta agoa em si encerra o Oceano. O resultado pórem de huma tal Convenção, foi voltarem os Francezes para França, vencidos sim, mas como vencedores, pois forão carregados de thesouros, e effeitos roubados aos Portuguezes; levando todos as suas armas, as suas mochillas, e os seus cavallos, chegando a impudencia ao ponto de dizerem, que hião sim por Mar, mas que brevemente voltarião por terra; o que na verdade, mais desgraçadamente, accenteceo, por quanto os que em o anno seguinte não acompanharão o Marechal Soult, vierão ao depois com o Marechal Massena Principe d'Eslinge. E sobre tudo para cumulo da desgraça de Portugal, nem ao menos se contemplou o contingente dos Portuguezes, commandados pelo infeliz, então Marquez d'Alordo, arrastados á França pela perfidia de Junot, os quaes muitos bem podião, e devião ser trocados pelos Francezes para Regressarem á sua Patria.

Este continente era de sinco a seis mil homens; e os seus braços, talentos, e virtudes,

que muito podião coadjuvar os seus companheiros d'armas, na gloriosa Restauração do Reino, e defeza da Patria, forão inteiramente perdidos para a Nação, por hum indisculpavel erro, ou descuido do governo Portuguez. Tão fatal he sempre qualquer erro em Politica! e tão fatal foi para os Portuguezes a celebre Convenção de Cintra!

Em 1809 e 1810 seguirão-se successivamente as invazões dos dois mais acreditados Marechaes da França, Soult, e o Principe d' Eslinge, os quaes commandavão grandes, e aguerridos Exercitos, marchando ufanos pela serie de triunfos e capellas de loiros colhidos nos campos das batalhas. Soult tão habil General, como consummado politico, alagou parte da Provincia de Trás os Montes, e a Provincia do Minho, sendo obrigado a fugir da Cidade do Porto; salvando-se na retirada quasi por milagre, e dirigindo se para o interior da Galiza. O Principe Massena, não tão habil General; (na minha opinião) bem que era reputado hum Capitão da primeira ordem, pelas suas campanhas da Italia, onde tinha alcançado o sobrenome pompozo de filho amado da Victoria, nem tão consummado politico; invadio Portugal com hum Exercito aguerrido, e tão numeroso, que nunca achou campo, nem terreno para se desenvolver á vontade, e como nunca tinha entrado naquelle Paiz. Este grande, e aguerrido Exercito porém, não póde entrar na Capital; e cuberto de vergonha, e oprobrio, retiron-se de Portugal, com as suas abatidas aguias Francezas, que blasonavão de entrar triunfantes dentro dos muros de Lisboa.

Foi contra estes dois formidaveis Exercitos, que os Portuguezes de todas as ordens, e classes, desenvolvêrão hum Patriotismo, e coragem, por V. Magestade, pela Religião, e pela Patria, de que a historia não refere exemplos, senão nos gloriosos tempos de Portugal, no tempo de Affonso de Albuquerque, de Duarte Pacheco, no do Senhor Rei Dom João Primeiro, no do Senhor Dom Affonso 5.°, e do Senhor Dom Manoel de Gloriosa Memoria.

Os prodigios pois, que os Portuguezes fizerão, para sustentar no Throno a V. Magestade, e sacudir o jugo dos Francezes, o Patriotismo, que elles desenvolvêrão, e manifestárão, he já mais que sabido por todo o mundo; por quanto ninguem ignora que elles derramárão o seu sangue, e que sustentárão huma guerra obstinada, á custa de todos os Sacrificios, que todos, e francamente, liberalisavão a beneficio da causa Sagrada de V. Magestade, da Religião, e da Patria, chegando a destruir, e arruinar toda a qualidade de generos, e alimentos da vida, só para que os inimigos delles se não utilizassem.

Lord Welington, que nesse tempo combateo com os Francezes, tantas vezes, quantas os venceo, e os venceo sempre porque commandava Soldados Portuguezes, que são os melhores Soldados do Mundo, não se despedio deste Exercito, que tinha grande parte na sua gloria Militar, quando o abandonou em França. Este procedimento, que não era de esperar, causou grande dissabor aos Portuguezes seus Companheiros d' Armas, que tantas vezes, e com tanto brio, juntamente com elle,

tinhão sempre marchado ufanos pelo caminho da gloria.

O Exercito Portuguez, depois de ter concorrido para a destruição do Tyranno da Europa, juntamente com as mais Nações, voltou para o seu Paiz coberto de loiros immortaes. E eu vi a nossa Capital erguer-lhe, voluntaria, mais arcos triunfaes, que a Roma antiga costumava erguer aos Cesares, aos Pompeos, e outros conspicuos Generaes, e Capitães da primeira ordem. Portugal exultou por alguns momentos em grande prazer, e com effeito não podia ser pequeno aquelle, que lhe resultava de se ver livre de hum inimigo tão poderoso, e formidavel, e que muitas vezes tinha devastado, assolado, arruinado, e destruido o seu Paiz. Este prazer porém foi mui curto, e a satisfação só podia ser completa, vendo o seu Throno, o seu Rei, e toda a Real Familia junto de si. Por este bem só he que Portugal suspirava, porque estava certo que V. Magestade olharia para Seus Vassallos como seus filhos, premiando huns, e recompensando outros; e todos querião, cada hum pela sua propria boca, expôr a V. Magestade os relevantes serviços, que cada hum tinha feito. E poucos erão e são os que tem meios, e possibilidades para virem ao Brasil, atravessando duas mil legoas, e fazendo despezas, com que poucos Portuguezes podem, attendendo á pobreza do Reino.

O Exercito Portuguez, que certamente tem orgulho Nacional, orgulho, alias bem fundado, pois que só foi adquerido á custa de muitas fadigas, muitas privações, e victorias alcançadas nos Campos das batalhas, não tem po-

di lo soffrer que os primeiros Postos do Exercito sejão occupados por Estrangeiros Inglezes, que nada fazem lá senão tirar estes Postos aos dignissimos Portuguezes, que por muitos titulos os merecem. E senão ha no Exercito Inglez Officiaes Portuguezes, porque razão, ou motivo hão de haver Officiaes Inglezes no Exercito Portuguez? Além disso, que necessidade tem Portugal, de hum Marechal General Estrangeiro, que tem feito manter, e conservar hum Exercito tão numeroso em tempo de paz; que só elle tem sido bastante para roubar todos os braços á agricultura, e arruinar a Nação. Eu não quero já fallar das Milicias, que tem causado em Portugal maior damno, e prejuizo, se he possivel, que o Exercito da primeira Linha. Por quanto conseguida, pela destruição do Tyranno da Europa, a paz geral, devião as Milicias reverter ao systema antigo, e não serem conservadas em atitude de guerra, com repetidos, e continuados exercicios, e obrigados a fardarem-se, quando o Estado em tempo de paz, e guerra nada obsolutamente lhes dá para esse fim. Devendo notar-se, que os Milicianos são todos Chefes de familias, são proprietarios, e lavradores, são os que sostém, e conservão a agricultura, sem a qual os povos não podem subsistir, e viver. E hum arado he sem duvida muito mais util á sociedade, que huma baioneta, porque hum arado rasgando a terra, produz hum bem necessario na sociedade, e quantos mais arados, e lavradores houverem; maior bem daqui resultará á mesma sociedade. Pelo contrario huma baioneta, hum homem armado, hum Soldado, he hum mal na sociedade

de, porque só he util no estado de guerra, que he sempre hum açoite, e hum flagello da sociedade. Como porém ha circunstancias, em que a guerra he indispensavel, he então neste caso que os Soldados são absolutamente necessarios. O seu numero deverá sempre ser o menor possivel, e esses bem pagos, contentes, e satisfeitos, intretidos, e occupados sempre no seu trabalho, que he sempre a melhor sentinella da virtude, e até mesmo para evitar a ingerencia em negocios politicos como fazião os Guardas Pretorianas no tempo dos Romanos, e como tem feito os Hespanhões, e os Napolitanos &c.

O Marechal Beresford não só alterou o antigo systema das Milicias, mas tambem inverteo o systema do Exercito da primeira Linha, por quanto em outro tempo, e antes delle, cada Regimento permanecia na sua respectiva Praça, e recrutava sómente na circumferencia, e territorio da mesma. Daqui seguia-se que ainda que o soldo era pequeno, todavia, o Soldado era igualmente agricultor, e ajudava a sua familia nos trabalhos do Campo, e a familia igualmente o podia soccorrer. O mesmo accontecia ao Official, que em todo, ou em parte era alimentado pela sua mesma familia. Este systema porém de todo foi destruido, e seguio-se outro mui pernicioso, qual foi o de fazerem girar os Regimentos em continuas contradanças, permanecendo já em huma, já em outra Praça, e sobre tudo fazendo com que os Officiaes do Alemtéjo sirvão em Traz os Montes, os da Estremadura no Minho, os do Minho no Algarve, e os de Traz os Montes no

Alemtéjo. Ora este systema poderá ser mui militar, (não o quero impugnar) mas em Portugal he inutil, he impraticavel, e ruinoso. Inutil porque todas as Provincias, menos a da Estremadura, são limitrofes da Hespanha, e conseguintemente hão de ter forças nas suas respectivas raias, e he melhor por todas as razões, que os Soldados de cada Provincia deffendão a sua propria, onde tem as suas familias, os seus bens, e tudo quanto na sociedade lhes he mais caro, e onde por conseguinte combaterão com mais valor, e com mais enthusiasmo, do que em outra qualquer, que não seja a sua, e que por isso mesmo lhes não póde offerecer nem os mesmos, nem tão fortes motivos: digo impraticavel, porque hum Official, hum Soldado, ao pé da sua caza, e familia, póde viver com pequeno soldo, ainda que por incidente ande algum mez atrazado, e he impossivel viver com honra, e decencia a grande distancia da sua caza, e familia, sem que tenha grandes soldos, e estes pagos exactamente, e ao dia: digo ruinoso, porque nestas mudanças de Regimentos, são necessarios muitos carros, e transportes para bagagens, e nisto o menor prejuizo que os lavradores tem, he o não lhes serem pagos os seus jornaes, e vencimento dos mesmos transportes, porque desgraçadamente todos os males, e incommodos pezão sempre, não sei porque fatalidade, sobre os lavradores, que constituem a classe mais util, e interessante da sociedade, e que por isso devião merecer o amparo, e protecção da Lei.

A agricultura, Senhor, que he o mais fe-

cundo manancial da riqueza, e prosperidade da Nação, existe hoje em hum total abatimento, e decadencia, e a classe dos agricultores, a mais interessante ao Estado, quasi de todo arruinada. Os mais pingues terrenos do Alemtéjo, que devião, e podião produzir muito trigo, muito milho, e muita bolota, que he hum grande, e importante ramo de industria, e riqueza daquelle Paiz, existem cobertos de matos estereis, e inuteis. Esta Provincia, que devia ser occupada por povos agricultores, não he hoje senão possuida por povos pastores. Portugal no fim da guerra passada, quasi que não tinha já nenhum arado, nem hum carro, nem huma junta de bois, e se a guerra dentro do Paiz durasse mais hum anno, os Exercitos já não se poderião conservar; senão sobre as costas do Mar, ou sobre as margens do Téjo, e Douro, pois que já não terião hum unico transporte, para adiantarem as suas operações. Tão arruinada, e destruida se achava a classe dos lavradores no fim da guerra!!

Com a paz devião curar-se as feridas, animar-se a agricultura, promover-se a industria Nacional, augmentando os seus capitaes, e removendo, e destruindo os obstaculos, que a intorpecião, dando baixa, ou pelo menos licenciando sem limite de tempo a todo, ou quasi todo o Exercito, tirando do seu abatimento as Fabricas arruinadas, ou quasi de todo destruidas; melhorando o ruinozo systema de Commercio, e augmentando a população já muito reduzida. Infelizmente porém, em nada se cuidou. A guerra tinha consummido quasi todos os moços uteis, e feita a paz, algum que res-

tava, ou hia apparecendo, continuou a ser alistado, e exercitado no ministerio das armas, quando só o devia ser no ministerio, e exercicio do arado, e da charrua.

Ao depois, essa pouca, ou nenhuma agricultura, que ainda restava, foi de todo paralizada, e entorpecida pela grande abundancia de grãos, que todos estes tres, ou quatro annos proximos preteritos tem entrado em Portugal, tanto por Mar, como por terra. E o mal chegou a tal excesso, que eu mesmo vi, em 1819, conduzir para Estremoz, e Evora farinhas vindas da Filadelfia, e grãos do Mediterraneo, ao mesmo tempo que na Provincia do Alemtéjo havia grande abundancia de grãos, de que os celeiros estavão cheios. Isto parecerá incrivel, mas he hum facto, de que ninguem póde duvidar. E oxalá que todos os lavradores daquella Provincia não attestassem isto mesmo por propria experiencia!

Os Governadores de Portugal, quizerão pôr termo a este mal, impondo 80 reis de tributo em cada hum alqueire de grãos, que entrasse no Paiz, tanto pelos Portos de Mar, como de terra, porém este impirico remedio, nem curou o mal, nem produzio bem algum. E com effeito quando o Medico he habil, e conhece a molestia, nada he mais facil, que applicar-lhe o remedio proprio, e conveniente, e o enfermo então se restabelece, e recupera a saude. Porém os taes Governadores erão tão versados em economia politica, como o Doutor sangrado de Gil-Braz em Medicina. O Imposto de 80 reis em alqueire era tão limitado, que assim mesmo o interesse convidava os

Estrangeiros a introduzirem grande quantidade de grãos em Lisboa, e por toda a extenção da raia d' Hespanha. Daqui acconteceo, que o alqueire de grão abaratou por extremo, e quanto mais barato estava, maior era o mal, por quanto cada hum alqueire, que o lavrador colhia, não o podia vender por menos de 500 á 600 reis, sem se arruinar, e o alqueire de grão Estrangeiro vendia-se a 400 reis, e menos, pois tem-se vendido o milho em Lisboa a 240 reis. Estas providencias produzirão dois terriveis males, o primeiro fez sahir do Reino immenso numerario, e o segundo arruinou de todo a agricultura. Os Portuguezes tem visto com grande magoa, e dor do seu coração arruinar, e destruir a agricultura inteiramente, quando só a Provincia do Alemtéjo arroteada, e bem cultivada, era capaz de produzir grãos para duplicado numero de população, que hoje tem Portugal, pois lembro-me de ter visto denonstrado em huma Memoria de agricultura da nossa Academia, que dez legoas quadradas de terreno no Alemtéjo devem produzir grãos sufficientes para todo o Portugal.

O Commercio seguio a mesma sorte da agricultura. Elle tocou quasi a meta de hum perfeito aniquilamento, de fórma que os Capitalistas, huns tem quebrado, e outros tem guardado os seus capitaes, deixando apodrecer antes nos portos os Navios, que exporem-se a maiores, e indispensaveis riscos, e perdas. Pela abertura dos portos da America a todas as Nações do mundo, Lisboa deixou de ser o imporio das mercadorias do Brasil, e por isso os Estrangeiros abandonarão o porto de Lis-

boa, e seguirão o novo rumo da America.

O systema, ou tratado de Commercio de 1810, com Inglaterra, foi todo a favor daquella especuladora Nação. Ella nos illudio, ou antes nossos Ministros deixár-o-se infelizmente illudir, com o termo de reciprocidade. Como se fosse possivel haver reciprocidade entre duas Nações, das quaes huma tem pouco, ou nenhum Commercio, e Marinha, e a outra tem mais Marinha, e Commercio, que todo o Mundo!!

O plano antepolitico, e pouco reflectido de mandar Tropas ao alheio territorio de Montevideo, causou a Portugal muitos damnos, muitos males, e muitos prejuizos. A Corte de Madrid não gostou de hum tal procedimento, e Portugal não esteve longe de ser victima innocente do furor de huma Nação, que se julgava com justiça, offendida em seus direitos.

Portugal tem pago com usura a occupação de Montevideo, porque em menos de tres ou quatro annos, os Corsarios, com Bandeira de hum Chefe desconhecido, apresárão mais de cincoenta Navios carregados, pertencentes todos ás duas Praças de Lisboa, e Porto.

A Praça de Lisboa lamentava, com sobeja razão, estas perdas, porque pagava quatro por cento para guarda costas, e não tinha nenhuma fragata, que enxotasse, e alimpasse os Corsarios das Costas de Portugal, que fizesse respeitar a Bandeira Portugueza, e protejesse o Commercio, que he tanto em utilidade dos particulares, como da Fazenda de V. Magestade.

As Fabricas não podião prosperar, quando a agricultura, e Commercio se achavão em huma total decadencia. Com huma guerra assoladora, com hum governo fraco, e huma Administração viciosa, quasi todas, ou forão absolutamente destruidas, ou arruinadas. As de seda de Chacim, as d' algodão de Thomar existem em hum estado lastimoso. As de pannos de Porto Alegre fechárão-se, e os Fabricantes forão para Madrid. As do Redondo, da Covilhã, de Leiria, e outras mais do Reino estão gritando pela solicitude, e actividade do Governo. Todas sem distincção necessitão da vigilancia, e energia d' hum Governo activo, providente, e cheio de patriotismo.

Huma Nação, que não tem nem agricultura, nem Fabricas, não póde ter navegação alguma vantajosa ao Estado, por quanto não tendo nem materias primas, nem secundarias, ou productos da industria, não póde ter objectos de exportação, para trocar por outros, que não tenha, e de que careça, ou por numerario, que he hum equivalente de todos os objectos de industria.

A navegação interior do Reino será sempre de pouca vantagem, em quanto não houver canaes, e communicação dos grandes Rios, como no Alemtéjo, pondo em pratica o grande plano de Vallere. A execução de tal plano, era de mais vantagem que a fundação de Mafra, e Estrella. Mas as Estradas estão em primeiro lugar. A segurança tanto publica, como particular, era já nenhuma. Os salteadores aggregados em quadrilhas, mais, ou menos fortes, atacavão nas Estradas os Cidadãos

incautos, assim como nas suas proprias habitações. A policia, que se devia occupar mais em prevenir, e acautelar o espirito de pirataragem, do que em punir, e castigar delictos, que muitas vezes são commettidos por urgentes, e fortes causas, como a fome, a mizeria pública, a falta de trabalho; nada fazia, nada impedia, e nada remediava.

Os Governadores do Reino tinhão hum campo vasto para desenvolverem o seu patriotismo, e remediarem os grandes males da Nação. O mal porém crescia sobre maneira, e suas providencias erão sempre nullas, ou infructuosas. O Eminentissimo Cardeal Patriarca hia sempre ao Governo em grande aparato. Hia sempre conduzido em hum rico e vistozo coche, puxado por seis grandes, e suberbos urcos, deitando bençãos ás mãos cheias, e a todo o povo. Este Eminentissimo Prelado porém, tão pequeno de corpo, e espirito, como grande em magnificencia, gastava, além das suas grandes, e ordinarias rendas, cincoenta mil cruzados do Erario, ao mesmo tempo que a Nação estava em huma pobreza extrema, acabrunhada com huma grande divida nacional, e ao mesmo tempo que as viuvas, os Militares reformados, e não reformados, e todos os mais Empregados, e funcionarios públicos, não recebião os seus estipendios, os seus sallarios, e ordenados. Tão grande fausto, sobresahia mais, no meio de huma extrema pobreza! E o povo que não acreditava nem nas virtudes, nem no merecimento de tão illustre Prelado ria-se das suas tão inuteis, quão estereis bençãos para remediar os males públicos da Nação. O Erario, ou Thesouro públi-

co, achava-se em discredito, exhausto de numerario, e sem confiança pública. O Estado precisou de quatro milhões de cruzados, para pagamento de despezas públicas, pedio-os, porém não os achou, nem a titulo de emprestimo, nem de juros de seis por cento. O Governo recorreo a meios extraordinarios para os haver, mas nada conseguio, porque tinha perdido a opnião, o credito, e a confiança pública.

Os Empregados, e funcionarios públicos tinhão perdido pela maior parte a sua reputação, e o seu bom nome, assim como os Magistrados, muitos dos quaes tinhão perdido a opinião pública, e desacreditado a classe da Magistratura. Alguns praticavão com os povos da sua jurisdicção, o mesmo que em outro tempo Verres tinha praticado com os povos da Cecilia, e não erão mais que huns verdadeiros sanguexugas das substancias daquelles, que por desgraça, cahião debaixo da sua alçada. O discredito era tal, para com alguns, que todo o mundo conhece, que o povo quando os queria designar, já só os appellidava por ládrões. Os crimes *de peculato*, de *repetundis*, e de *concussão* tinhão-se tornado mui familiares, e já pelo costume se antolhavão como cousas indifferentes. A Justiça tinha-se pela maior parte tornado hum nome vão, e hum jogo de palavras. A arbitrariedade era a Lei, ou antes a Lei, que deve ser huma regra certa, fixa, constante, e invariavel, e clara, era só o simples arbitrio de cada hum julgador, que simultaneamente legislava, julgava, e interpretava. A impudencia, a estupidez, e o despotismo tinhão

chegado a ponto, de que hum Aviso entre nós cassava, derogava, e anullava huma Lei, hum Alvará com força de Lei, e huma Carta de Lei; quando segundo os bons, e sólidos principios de Direito civil, e Público, eu não sei o que seja hum Aviso. O Author de similhante invenção devia ter o despotismo no coração. Elle descobrio este novo termo magico, por meio do qual com huma palavra, vazía de sentido juridico, empecia o exercicio, e observancia da Lei. Tão fatal descoberta, e tão desgraçado exemplo, era huma porta, ha muito aberta, ao despotismo. E Machiavel diz, que não ha cousa de mais perigoso exemplo, do que fazer-se huma Lei, e não se observar, especialmente quando o que a faz, he o mesmo que a viola. Bem longe estaria elle de pensar, que o Aviso de hum homem público derogaria huma Lei!!!

Aquelles, que desde a sua juventude se destinavão para hum dia administrar justiça aos povos, e serem os arbitros das vidas, das honras, e das fazendas dos mesmos, hião até aqui a estudar a huma Universidade, onde só se apprendião idéas falsas de Direito publico, e de Direito das gentes, muitos conhecimentos rançosos de Direito civil, sem gosto, sem digestão, e nenhuns estudos de agricultura, de geografia, de economia politica, de estatistica, de linguas vivas, estudos hoje mui necessarios, e conformes com as luzes do tempo, e progressos do espirito humano. As bellas artes, que adornão o espirito, e fazem a civilisação dos povos, erão ali desconhecidas, e por isso os filhos de Minerva, limitando-se, pela maior parte, a idéas abstractas, falsas, e rançosas, pas-

savão, e consumião o resto do tempo em viciosas dessipações, e em perniciosos ensaios da depravação, e immoralidade. Para prova de alguns máos estudos, basta ver que alguns compendios, porque ainda ha poucos annos ali se estudava, tinhão sido escriptos nos tempos da ignorancia, e da barbaria, isto he, no Seculo doze, Seculo de trévas; e outros, bem que escriptos com digestão, e gosto, só continhão doutrinas, porque os povos se governavão, ha mais de dois mil annos, não sendo já por fórma alguma accommodados aos tempos de hoje.

Estes candidatos, depois de terem abandonado huma pessima escolla de moral, e de costumes, sem idéas, e conhecimentos luminosos, praticos, e uteis, era o seu ultimo ensaio; hirem-se prostituir a huma Corte cheia de vícios, e de crimes, procurando no abjecto, e miseravel estado de pertendentes, hum dia, e outro dia, a Caza dos Ministros, e Desembargadores, e depois de largos mezes, ou annos, depois, de terem gasto, apurado, e perdido a paciencia, o dinheiro, a probidade, a honra, a dignidade pessoal; erão tarde, e mal despachados para lugares, cujo rendimento os não podia sustentar com decencia, com que devem ser considerados homens, que vão decidir das honras, das fazendas, e dos destinos dos Povos! E poderáõ, Senhor, estes Magistrados merecer a confiança pública, que a Lei lhes impõe? Poderáõ desempenhar com exactidão, e imparcialidade, os deveres sagrados, que lhes forão confiados? Poderáõ ser incorruptiveis, probos, justos e inteiros? Poderáõ alguns carregados de familia, e inteiramente pobres, dei-

xar de se prostituir, para a despeito de tal infamia, ter hum bocado de pão com que alimentem a pesada existencia de seus filhos, e de suas mulheres? Eu não me atrevo a dizer que isto he impossivel. Todavia a Lei da conservação he superior a todos os respeitos, e huma Nação, ou Monarca, que quer ter bons funccionarios, deve pagar-lhes bem, e nunca consentir que cada hum se indemnize por suas proprias mãos, e authoridade; porque com isto vai sempre muito mal á sociedade. He de direito tanto humano, como Divino, que cada hum he digno de huma paga correspondente ao seu trabalho, pois assim se refere em muitos lugares das paginas Sagradas, e por isso quem serve ao Público do Público deve ser sustentado.

Os Portuguezes da Europa, Senhor, que briosamente arrojárão para além dos Perineos, os Francezes, restituindo a V. Magestade a Coroa usurpada por Napoleão Bonaparte, tornando inhabalavel o Seu Throno, e segurando as fortunas de cada hum, tinhão direito, senão todos, pelo menos os mais benemeritos, a alguns premios, e condecorações. Os Ministros de V. Magestade tem esgotado o patrimonio das honras, e das graças com os Portuguezes do Brasil, e com os da Europa, que tinhão acompanhado a V. Magestade: era constante que os valídos, e Cortezãos, fazião persuadir a V. Magestade, que fieis, e leaes Vassallos, erão só aquelles que tinhão tido a honra de acompanhar a V. Magestade para os Dominios do Brasil, e que consequentemente só sobre estes devião recahir os premios da virtude, e do merecimento.

Em Portugal, Senhor, era público que os seus Ministros no Brasil, monopolisavão com huma prostituição inaudita, as medalhas, as honras, as condecorações, que só são, e devem ser o exclusivo patrimonio dos homens benemeritos, que tem feito relevantes serviços á Patria, e ao Estado. Eu ouvi muitas vezes dizer, que a maior parte dos habitantes do Rio de Janeiro erão taboletas de medalhas. E o abuso era tal, que algumas erão distribuidas a homens tão obscuros, como indignos, quero dizer, a vis, e abjectos espiões da policia, ou dos Ministros, que senão podem considerar senão como o refugo dos Portuguezes, vergonha da humanidade, e a escoria do servilismo, e que em lugar de terem pendentes, ou pregados ao peito cruzes honrosas, deverião antes elles estar pendentes, ou pregados nessas mesmas cruzes, se em lugar de forca estivesse em voga o castigo, ou supplicio da Cruz. Os Portuguezes, Senhor, que na Europa libertárão a Patria, e Throno, do poder dos modernos Gallos, como dos antigos libertou Roma o famigerado Camillo, erão tão benemeritos, e dignos, como os que acompanhárão a V. Magestade: E Senhor, quem em defeza do seu Rei, da Patria, e da Religião, sacrifica a sua vida, os seus cabedaes, as suas forças, a sua saude, tem plenamente preenchido os seus deveres para com o seu Rei, e sua Patria, e he digno de se pôr a par de hum Régulo, de hum Temistocles, de hum Veriato, de hum Ataide, de hum Pereira, e de hum Castro.

Se o contrario disto aconselhão a V. Magestade os seus validos, e Ministros, Olhe que

o enganão, e que o illudem; e V. Magestade deve desconfiar delles, e de todos aquelles que só queimão vil incenso no altar da adulação. Se V. Magestade quer saber qual he o caracter, a probidade, a honra, a virtude, e o merecimento dos Cortesãos, e valídos, que a toda a hora, a cada momento o cercão, e rodeão, abra hum dos melhores livros, que se tem escripto em moral, e politica, esse excellente Tractado de educação de hum Joven Principe, que devia hum dia governar seus póvos conforme as verdadeiras maximas da politica, e da virtude. Veja V. Magestade o que o Principe Thelemaco observava na Corte de Sesostris Rei do Egypto, enganado pelo valído Methofes, e outros Cortesãos, que o rodeavão, e colhendo uteis, e sabias lições de taes enganos, e intrigas, para quando governasse, exclamava com grande sentimento Oh! a quantos enganos não são expostos os Principes, ainda os mais sabios, e os mais justos! Cortesãos interessados, e valídos artificiosos, rodeão-nos continuamente: os homens bons, e virtuosos, retirão-se, porque nem são importunos, nem lisongeiros: elles esperão ser procurados, e chamados, mas os Principes raras vezes tem bastante sabedoria para os chamar junto a si proprios. Pelo contrario, os homens máos são impudentes, infieis, insinuantes, officiosos, dessimulados, artificiosos, e promptos a obrar contra a honra, e consciencia, huma vez que agradem, e lisongeem as paixões daquelle que governa. Oh! quanto he desgraçado hum Rei em ser exposto aos artificios dos máos! Elle está perdido sem recurso, senão enxota do seu

Palacio os lisongeiros, e senão ama, e estima aquelles, que corajosamente lhe fallão, e dizem a verdade.

E que diria o Principe Thelemaco, filho do Sabio Rei Ulisses, se hoje observasse, e assistisse junto de V. Magestade, e nas deliberações dos seus conselhos? Não diria que alguns dos seus validos, e Ministros, só tinhão o patriotismo nos beiços, e o egoismo no coração? E que tão estupidos, e perversos, como Methofes, só lhe inculcavão conselhos, mais perniciosos, que uteis?

Destes homens nunca V. Magestade espere cousa alguma boa, mas espere tudo dos homens Sabios, probos, benemeritos, e honrados, que ainda os ha e houve sempre, e só tem faltado busca-los, e emprega-los. Procure V. Magestade os homens para os Empregos, e não os Empregos para os homens, premeando os benemeritos, e castigando os perversos. Deixar a porta aberta ao merecimento, para que todos os Cidadãos aspirem aos Empregos, he de rigorosa justiça, e he hum direito, que tem todo o homem, e Cidadão. Pratique-se assim, e não serão elevados aos primeiros cargos pessoas despreziveis, e rediculas. Honrosas condecorações não serão destribuidas a homens inteiramente nullos, e incapazes; não será perseguida a virtude, nem o merecimento, e ultimamente não se darão premios aos que os não merecem.

He constante, que alguns Ministros tem persuadido a V. Magestade, que deve temer, e recear os homens sabios, como homens perigosos, e que os sabios da França forão os Authores da mais sanguinolenta revolução, que

tem visto o mundo civilizado. Os seus Ministros, Senhor, se a tal lhe aconselhão, poderáõ talvez dizer o que sabem, mas certamente não sabem o que dizem. Deve V. Magestade só temer os perversos, e os malvados, tanto, como os ignorantes, e estupidos de boa fé, por quanto os effeitos da ignorancia, e da perversidade, produzem por via de regra os mesmos effeitos. Não he o mesmo, Senhor, que a Náo do Estado vá ao fundo, ou naufrague, ou seja por ignorancia, ou seja por perversidade do Piloto, que a rege? Os Sabios filantropos da França, não ha dúvida, que derão sabios planos de reforma de abusos, e melhoramento da Nação, mas he inteiramente falso, que elles derramassem o sangue, com que a França se cubrio de luto. Por occasião da convocação dos Estados geraes, da Assembléa Nacional, e Convenção, he que as opiniões divergirão, que os partidos se chocarão, e que os infames Regecidas, os incarniçados demagogos, como Robspierre, Danton, Maratte, e outros scelerados illustres, cogitarão, e resolvêrão o grande plano, descutido nos Conselhos dos Principes da Europa, segundo refere Filangiere, de matar, e reduzir a nada o maior numero de homens, no menor tempo dado. E com effeito, estes scelerados resolvêrão tão fatal problema, pois até se não esquecêrão da invenção da guilhotina, mortifero instrumento da morte. Porém os que puzerão em execução o plano da revolução, não forão os benemeritos filantropas, que a tinhão traçado. Por isso he necessario não confundir as causas com os effeitos, e os effeitos com as causas, e os incidentes, que de

ordinario acompanhão, e são inseparaveis tanto das causas, como dos effeitos. Ha por ventura, Senhor, alguma cousa mais Santa que a Religião? Certamente não: e que crimes se não tem commettido? Que sangue se não tem derramado? Que horrores se não tem praticado, debaixo do pretexto de Religião? Porém nem a sabedoria, nem a Religião são mas, nem tem sido causa dos males da humanidade; bem que pelo abuso della muitas desgraças tenhão affectado o genero humano.

Não se pêje pois V. Magestade de escolher homens sabios para junto de si. Imite, Senhor, nisto a Sezostris, modello dos antigos Reis do Egypto, delle nos diz o grande Arcebispo de Cambray, que todos os dias, depois do despacho dos negocios públicos, e de ter administrado imparcial justiça aos seus povos com aquella sabedoria, e moderação, que todos, sem lisonja, admiravão, tinha por costume divertir-se, e entreter-se, durante a noite, ouvindo os homens mais sabios da sua Corte, e conversando com aquelles, que tinhão o melhor caracter, os quaes elle muito bem sabia escolher, e admittir á sua confiança. Quando a Filosofia, e o poder estiverem reunidos, diz Platão, então serão felizes os Cidadãos. Os povos serão bem governados, refere Delamber, quando os Reis forem Filosofos, ou os Filosofos forem Reis. Sidney accrescenta que as luzes, e conhecimentos de huma Nação, estão sempre em proporção com a sua liberdade, assim como a sua felicidade, e poder em proporção com as suas luzes; e que castigar, e prohibir, que se falle, pense, e escreva, he

huma prova manifesta de que o despotismo está confirmado. O grande Helvecio, fallando a este proposito diz, o genio agrilhoado arrasta ali pezadamente os seus ferros, e em vez de voar, humilha-se. As sciencias são despresadas, a ignorancia honrada, e todo o homem de senso, e juizo he declarado inimigo do Estado. E eu accrescento que todo o homem, que não cultiva o espirito, e a razão, deixa de ser homem, para ser bruto, e a mesma natureza terá pezar de o não ter collocado na mais abjecta classe de seres, a que devia pertencer.

Os Portuguezes da Europa, durante a luta gloriosa, em que pugnárão com os Francezes, pela restauração do Throno de V. Magestade, liberdade da Patria, e defeza da Religião, tinhão direito a esperar alguns soccorros de seus Irmãos do Brasil; por quanto constituindo todos huma mesma Nação, hum mesmo povo, e huma mesma familia; devião os Irmãos offendidos, e lezados em seus direitos, os mais sagrados, ser soccorridos pelos seus Irmãos, que a duas mil legoas de distancia, forão espectadores tranquilos de huma defeza Nacional, que rivalisa, se não excede, á dos Gregos, contra o immenso poder da Asia, e á dos Romanos contra o poder dos Gallos Capitaneados por Breno. De balde esperárão por alguns soccorros. Não se lhes mandou do Brasil nem Tropa, nem dinheiro, nem carnes, nem farinhas, nem assucar, nem arroz, nem coiros, e nem cousa alguma. Este procedimento não era de esperar, nem se devia praticar com Irmãos, que se achavão involvidos na luta mais

gloriosa, e obstinada, que Portugal tem tido desde o berço da Monarquia.

As artes, e todos os mais ramos de industria forão caminhando para a sua ruina total, de mãos dadas com a agricultura, Commercio, Fabricas, e Navegação. O numerario foise de todo esgotando, já pelas razões, e motivos expendidos, já pela sahida constante em especie, e em generos para o Brasil, e o papel moeda diminuindo de valor, e credito progressivamente. Em huma palavra, Senhor, em Portugal já todas as classes de gente estavão intimamente, se não convencidas, ao menos mui desconfiadas de que V. Magestade nunca mais cumpriria a Sua Real palavra, de voltar a Portugal, como promettera; e que toda a politica do Ministro do Brasil era directa, ou indirectamente mudar para o Brasil, Portugal todo inteiro, attrahindo de todas as fórmas, e maneiras, toda a gente, todo o numerario, toda a riqueza, e abandona lo sómente, quando já estivesse reduzido a hum magro, e descarnado esqueleto.

He verdade que muitas vezes se tinha avivado a saudade por V. Magestade, fazendo, mas sem fundamento, accreditar a hida de V. Magestade para a sua antiga Capital, objecto das esperanças de todos os Portuguezes, mas isto erão só agradaveis, e lisonjeiros sonhos, que encantavão o espirito, sem persuadirem o coração; todavia os homens avizados, e circonspectos, não se enganavão. Elles estavão persuadidos que Portugal estava por desgraça reduzido ao misero, e triste estado de Colonia do Brasil, e só esta lembrança, e consideração

revoltava o espirito dos Portuguezes, povo de heroes, que acabavão de obrar feitos dignos das paginas da historia, e dos fastos Lusitanos, e que na mais remota posteridade serão lidos com espanto, e admiração do mundo.

Tal he, Senhor, o quadro geral dos males, que Portugal, como o mais abandonado, e misero orfão, tem soffrido, de ha dez a doze annos, á esta parte, sem que os Governadores de Portugal, nem os Ministros de V. Magestade lhe tenhão dado algum remedio a suas miserias, á sua pobreza, e á sua nenhuma representação Nacional. E por isso a Cidade do Porto, desejando salvar a Patria, e a V. Magestade, gritou acclamando a V. Magestade, e huma Constituição, que as Cortes, para o futuro convocadas fizessem. Este grito foi ouvido por toda a Nação, em toda a extenção das Provincias. E a Nação expontaneamente, e com grande satisfação, e contentamento á face do Ceo, e da terra, jurou, e acclamou a Dinastia de V. Magestade o melhor dos Reis, a Religião de nossos Pais, que he a mesma que nós proffessamos, como a unica, e verdadeira, e a Constituição, que as Cortes da Nação, para o futuro convocadas houvessem de fazer, formando hum novo pacto social, e em que para o futuro se escorasse o destino, a felicidade, e prosperidade da Nação Portugueza, como em huma solida, e firme base.

He público, Senhor, que alguns Ministros de V. Magestade lhe tem aconselhado huma eterna maldicção aos Portuguezes, hum abandono geral aos rebeldes da Europa, e huma reclamação vigorosa dos tractados da Santa

aliança, para exterminar aquelles ingratos, aquelles facciosos, que deverião todos ter hum só pescoço, para de hum só golpe lhes ser decepado, como já entre os Romanos o desejou hum Imperador, que se conta entre os Monstros da humanidade.

Se he verdade, Senhor, que Ministros Portuguezes tenhão dado tão impolitico, como fatal conselho a V. Magestade, he necessario então conta-los entre o numero desses Monstros, que nascidos, e educados com os tigres nos bosques da Hircanea, alimentados, e nutridos de viboras, e Serpentes, tendo o despotismo na cabeça, e a crueldade no coração, sejão para oprobrio da humanidade entregues á execração pública. E se em almas generosas, e corações sensiveis, coubesse a sede da vingança, então seria justo que suas cabeças fossem fartas de sangue humano, como o foi a de Ciro, segundo refere hum antigo historiador.

Eu estou, Senhor, altamente convencido, que tão perfidos, e errados conselhos não podem ter cabimento em hum coração generoso, e Magnanimo, como o de V. Magestade, que sempre quiz, e quer só o bem dos seus Vassallos, e a prosperidade geral da Nação.

Seria possivel, Senhor, que os Portuguezes, que ha tão pouco tempo acabárão de se immortalisar, por seus gloriosos feitos, para reivendicar, e pôr novamente a Coroa na Cabeça de V. Magestade, e tornar inabalavel o Seu Throno, queirão agora minal-lo pela base, e destruil-lo? Não certamente! isto nem he possivel, nem accreditavel, nem tão nefando procedimento cabe em peitos Portuguezes! Os Portu-

güezes adorárão sempre, e adorão o seu Rei; e o timbre, e brazão delles, foi só, e sempre a sua fidelidade. Elles só desejavão minorar os seus males, e salvar a Patria do terrivel precipicio, em que se estava a abismar, e da salvação da Patria dependia a conservação do Throno de V. Magestade. E quem olhando para Portugal, com attenção, e conhecimento de causa, deixaria de conhecer, que a sua vida, e existencia politica estava tocando o seu termo? O seu ultimo fim? Eu accredito, que nimgem, que tivesse algum juizo, ou senso commum! Os caracteres da molestia estavão indicados, os simptomas erão evidentissimos, e a morte devia seguir-se. A desgraça geral do povo, o estado deploravel da agricultura, das artes, do Commercio, o contraste do luxo, e da pobreza da Capital; a miseria extrema das Provincias, o excesso de opolencia em alguns Cidadãos, a falta de subsistencia na maior parte, o pequeno numero de grandes proprietarios, o grande numero de não proprietarios, o celibato de hum Exercito numeroso, o progresso da incontinencia pública, cimentada na falta dos meios de huma necessaria subsistencia, a falta de moral, e relaxação dos costumes, o despreso da Religião, hum cáos de Legislação, mil erros de Jurisprudencia, a trapaça do Foro, a liberdade individoal, o direito de propriedade sem garantia, a Lei atropelada, o vicio, e crime premeado, a virtude abatida, e em dispreso, o crime, a ignorancia, o merecimento, e a virtude confundidos, huma pessima e viciosa administração em todos os ramos da pública administração; tudo, tudo erão sinaes evidentes da eminente

queda de Portugal. E haverá ainda quem diga, que os Portuguezes não soffrêrão bastante? não exposerão elles os seus males muitas, e repetidas vezes? não soffrêrão, e esperárão; não esperárão, e soffrêrão muitos, e muitos annos? deverião acaso esperar, e soffrer eternamente? não! o seu soffrimento, a sua paciencia gasta, e apurada, devia ter hum termo. E a justiça, e a necessidade, o espirito, e a coragem, que nascem das situações violentas, os determinou a procurar por suas mãos o remedio, que nunca conseguirão com humildes, e justas súpplicas, mas sempre inuteis, com representações repetidas, e energicas, mas sempre baldadas! A necessidade não tem Lei.

O homem, Senhor, no bruto, e primitivo estado da natureza, tinha direito a tudo; quanto não era occupado, porque todas as cousas existião em huma comunhão negativa; e porisso tudo era do primeiro que as occupava, com hum facto seu, e sem injuria de nimguem. Formadas porém as sociedades, e estabelecido o direito da propriedade, todo o Cidadão que lança mão do alheio, contra a vontade de seu dono, isto he todo o Cidadão que furta, perpetra hum crime, porque viola o direito já adquirido de hum terceiro; porém se se der o estado de necessidade tal, que seja necessario furtar, ou lançar mão do alheio, para conservação da vida, neste caso póde lançar mão do alheio contra vontade de seu dono, sem violar o direito da propriedade, e sem commetter furto, porque o direito da conservação, he hum direito connato como homem, e em colisão com outro, que he mais fraco, prevalece sempre.

O mesmo se póde dizer, sobre cada hum vingar as suas proprias injurias. No estado premitivo da natureza, cada hum se fazia justiça a si mesmo. No estado porém da sociedade, todo o Cidadão deve recorrer ao Magistrado, executor da Lei, para castigar o criminoso, indemnizar o offendido, e prevenir o crime, se he possivel: mas se alguem se acha em circunstancias tão criticas, que periga a sua existencia, recorrendo ao Magistrado, então neste caso, reverdece o direito natural de cada hum, repelindo a força com a força, a injuria com a injuria, podendo a beneficio da sua propria conservação, matar o agressor injusto, porque o direito da propria conservação, he hum direito connato com o homem, he mais forte, e em colisão prefere sempre.

E se hum homem, Senhor, póde exercitar estes direitos, estas faculdades, tanto no estado absoluto, como hipothetico, isto he, tanto no premitivo estado da natureza, como no da sociedade; que diremos nós de muitos homens reunidos, e congregados por meio de hum pacto social, em huma grande familia, em hum povo, em huma Nação? Diremos o mesmo, Senhor? Diremos que tem os mesmos direitos, e as mesmas faculdades. E para melhor nos convencermos, passemos a desinvolver os principios das associações politicas, e remontemo-nos aos tempos das primeiras sociedades.

Os homens, ainda no mais bruto estado da natureza, sempre vivêrão juntos em sociedade, com mais, ou menos vinculos, mas esta sociedade premitiva, devia ser bem differente da sociedade civil, e podemos dizer que a socieda-

de de familia, he a primeira da natureza. Neste estado, os filhos não se podem considerar debaixo do Patrio poder, senão aquelle tempo, que precisão delle, para a sua conservação. Logo que esta necessidade cessa, dissolve-se o laço natural. Os filhos livres da obediencia dos Pais, e os Pais isemptos do cuidado, e vigilancia dos filhos, todos igualmente entrão no estado da independencia. Tal he a marcha da natureza, tanto a respeito dos homens, como dos brutos! No estado pois da independencia, os filhos passão a constituir novas familias. E se elles continuão a permanecer sempre unidos, e juntos em sociedade, esta já não he natural, he sim voluntaria, e como tal se governará convencionalmente, fixando, e estabelecendo condições, e regras, porque se governe, sahindo do estado da natureza, da sociedade natural, para entrar na sociedade civil, que se considera como mais perfeita, e mais bem regulada. Eu não posso accreditar, que os homens destinados a viver juntos, renunciassem á sua independencia, antes de conhecer a necessidade de hum tal sacrificio. Na sociedade premitiva da natureza, ou puramente natural, erão inteiramente ignorados os nomes de nobre, de plebeo, de Senhor, de Vassallo, de Magistratura, de Leis, de penas, de cargos civis; não se conhecia ahi outra desigualdade, que aquella, que nasce das forças fysicas, outra Lei, que a da natureza, outro laço, que o da amizade, e da necessidade. Os membros desta sociedade não tinhão ainda depositado as suas forças particulares nas mãos de hum Chefe, nem lhe tinha confiado a guarda das Leis,

da vida, dos bens, da honra, e de todos os mais direitos. Cada membro desta sociedade, era hum Soberano, porque era independente; era hum Magistrado, porque interpretava as Leis, contidas no Codigo do seu coração, era hum Juiz, porque era o arbitro das contendas, entre elle e os mais socios, e era finalmente o vingador das injurias, e lesões, que lhe erão feitas. Huma sociedade porém onde havião tantos Juizes, tantos Magistrados, tantos Reis, tantos Codigos, quantos erão os socios, e individuos, não podia existir, porque o choque das paixões, e das vontades era violento, e a força, ou dexteridade de hum suplantava a todos. E a disconfiança, o receio, a incerteza, e a força perturbavão, a cada momento, a tranquillidade geral. Para remediar a tantos males, só se achou hum meio. Não era possivel destruir a proponderancia, ou desigualdade da força fysica, sem recorrer a igualdade moral. Foi necessario pois, de todas as forças particulares, compôr huma força pública, que fosse superior a cada huma dellas. Foi necessario criar huma pessoa moral, cuja vontade representasse todas as vontades, cuja força fosse a soma geral de todas as forças, e que dirigida pelo orgão da razão, interpretasse a Lei natural, desinvolvesse os seus principios, fixasse os direitos, regulasse os deveres, e prescrevesse as obrigações de cada individuo para com a sociedade, e para com os membros, que a compõe, estabelecendo huma medida justa, certa, e inavriavel, que fosse a regra das acções de todos, e que estabelecesse as bases da segurança pública, da felicida-

de de todos, e da prosperidade geral. Esta foi a origem, a causa e motivo da sociedade civil, que extirpou, por assim dizer, os males da sociedade natural, ou premitivo estado da natureza. Esta passagem pois do estado da natureza para o estado civil, ou de huma sociedade mais perfeita, e bem regulada, produzio no homem huma bem notavel mudança, porque substituio a justiça ao instinto, deo ás suas acções a moralidade, que não tinhão, a voz do dever succedeo á força fysica, o direito ao apetite, e o homem que até ali se contemplava a si proprio, vio-se constrangido a consultar sua razão, antes de escutar suas paixões. Por esta passagem, o homem perdeo a liberdade natural, que era relativa ás suas forças fysicas, e adquirio a liberdade civil, que era regulada pela Lei. Perdeo a posse, que era só o effeito da força, ou o direito do primeiro occupante, e adquirio a propriedade, que he sempre fundada em hum titulo positivo. Perdeo as vantagens da natureza, mas ganhou as da sociedade, muito mais interessantes; por quanto as suas faculdades se desinvolverão, e exercitárão cada vez mais, suas idéas se dilatárão, seus sentimentos se enobrecêrão, e sua alma se elevou a hum ponto, que se o abuso da sua nova condição, o não degradasse a hum estado mais abjecto, que aquelle de donde sahíra, devêra abençoar sempre o instante feliz, que o arrancára de hum tal estado, e que de hum animal estupido, e feroz, fez hum ser inteligente, e homem.

Em virtude pois de huma tão maravilhosa mudança, os socios depositárão todos parte

da liberdade natural, que tinhão, em hum só homem, e esta cessão, ou somma geral de direitos he que formou, e constituio a Authoridade pública, para por meio de regras, ou Leis, que são as condições da sociedade, poder governar a grande familia, e reunião dos socios, o povo, o Estado, ou Nação, e dirigillo ao importtante fim da felicidade geral.

O homem pois, ou pessoa privilegiada, em que toda a pública authoridade foi depositada, foi chamado o Chefe da Nação, o Supremo Magistrado, o Rei, o Soberano. E todo o seu poder, e authoridade foi conferido para cuidar só na felicidade geral, na conservação da mesma sociedade, e tranquillidade pública, regulando-se só por este fim os limites da sua authoridade, podendo empregar todos os meios necessarios, e conducentes a conseguir hum tal fim, e remover os obstaculos, que lhe servissem de estorvo. E a Nação pois livre, independente, e reunida em massa, ou por meio de huma legitima representação, tem hum direito, inalienavel, e imprescriptivel de formar, estabelecer, e aperfeiçoar huma Constituição, hum novo pacto social, que seja o apoio da authoridade pública, o penhor da felicidade, a prosperidade geral, e o palladio da liberdade de todos os Cidadãos, e isto sem que ninguem, com justiça, lho possa impedir, ou disputar. E as Leis politicas, ou Leis fundamentaes, Constitucionaes, ou Constituição, pois que tudo importa o mesmo, tem só por objecto, regular, e determinar o modo, fórma ou maneira, porque a Authoridade pública hade exercer as suas funções,

tendo sempre, e só em vista a felicidade, o interesse, e prosperidade de todos.

Todo o bom, Sabio, e esclarecido Rei, Senhor, deve estar convencido da grande, e importante verdade; que todo o Soberano, e Supremo Poder, não lhe foi confiado, senão para vigiar pela salvação, prosperidade, e felicidade do seu povo, devendo dirigir todas as suas vistas, e cuidados só ao bem geral da Nação, e dos póvos, que lhe forão confiados, e nunca para cuidar das suas vantagens pessoaes, ou da sua familia, ou fortuna, e commodidade d'algum particular.

Quanto he bello (diz o grande Vattel, Author de hum excellente tratado de direito das gentes) ver o Rei da Inglaterra dar conta ao Parlamento do cumprimento das suas mais importantes obrigações, e assegurar os Representantes da Nação, de que jámais teve em vista outra coisa, que não fosse a gloria do Estado, a fortuna, e prosperidade do seu povo, e dar sinceros agradecimentos a todos aquelles, que juntamente com elle tinhão concorrido para o bem geral da Nação? Hum Monarca que tem esta linguagem, e que manifesta com a sua conduta, a sinceridade das suas intenções, he hum grande Monarca aos olhos dos Sabios, e póde dizer-se, que he a imagem de hum Deos na terra.

As ultimas palavras de Luiz o Gordo, a seu filho (segundo refere o Sabio Velly) forão = lembrai-vos, meu filho, que a Realeza não he mais que hum emprego público, de que dareis huma estreita conta áquelle que só dispõe das Coroas, Septros, e Imperios. Ministros ig-

norantes e lisongeiros porém, tem persuadido a muitos Principes, e Monarcas, que os Reinos, e as Nações são o seu patrimonio, e os Povos, e Vassallos, rebanhos de cabras, ou carneiros, que podem tosquear a seu bom gosto, e mandar ao degoladouro a seu arbitro, e caprixo. Fatal ignorancia! terrivel politica tem sido esta! que tem feito á humanidade mais damno, que os males que sahírão da boceta de Pandóra.

Da deducção pois, e esposição destes principios, Senhor, já V. Magestade poderá com razão conhecer, e avaliar a justiça, ou injustiça do procedimento, e da conducta, que tem manifestado a Nação Portugueza, jurando a Constituição, que as Cortes depois de congregadas devem fazer, acclamando a V. Magestade, e a toda a Sua Real Dinastia, e mantendo os fóros, e prerogativas da Religião de nossos Pais, em que, por furtuna nossa, fomos educados.

Se V. Magestade tivesse Ministros capazes, e habeis Conselheiros, que despidos dos prejuizos de huma ferrugem gotica, conhecessem exacta, e claramente o espirito da Opinião pública, e do seculo presente, elles terião, com franqueza, e coragem, aconselhado a V. Magestade de offerecer aos seus Povos de Portugal, e do Brasil, huma Constituição mais moderada, e conforme ao espirito do tempo, e ás luzes do seculo. Por que, se isto a final forçosa, e necessariamente havia de acontecer, teria sido muito melhor ter-lhes dado huma Constituição, do que esperar que elles a pedissem, e reclamassem, porque he sempre mui perigo-

so, e antipolico, pôr os Povos em circumstancias de reclamarem os seus direitos, fazendo justiça a si mesmos.

O exemplo da Hespanha, o espirito, e desejo de melhoramento, conforme com o interesse geral, e particular de cada hum, que he o principio de todas as acções humanas, tem sempre determinado os particulares, assim como as Nações, tanto antigas, como modernas. Ha duzentos annos a Opinião pública, e espirito de partido era a favor das Monarquias, no fim do seculo passado foi a favor dos Governos Requblicanos, e hoje o he sómente a favor dos Governos Constitucionaes, do que temos recentes exemplos na França, America Ingleza, Hespanha, Napoles, Prucia, &c. A Opinião pública, esta potencia creada de novo na Europa, e em cada Nação em particular, he hoje a Rainha do Mundo, que tudo governa, á qual tudo cede, e nada póde resistir. Em quanto o prestigio da Opinião pública favoreceo a França, e Napoleão Bonaparte, este venceo todas as Nações, mas logo que lhes foi desfavoravel, perdeo em hum só dia, e em huma sò batalha o que tinha adquirido, e com quistado em muitos annos, e muitos combates. Os Monarcas de hoje tem necessidade não só de consultarem, mas de terem os olhos sempre fixos sobre o Norte da Opinião pública, e se o não fizerem, accontecer-lhes-ha o mesmo que ao incauto Piloto, que por descuido, ou ignorancia, não consulta a Bussolla, ou agulha de marear.

Já pois torno a repetir, Senhor, que os Seus Conselheiros lhe naõ tem representado a

necessidade de V. Magestade ter offerecido huma Constituição ao seu Povo, este a reclamará, e terá a coragem de a apresentar a V. Magestade. Nestas circunstancias he tarde, mas ainda he tempo de V. Magestade poder assistir ás deliberações em Portugal, ou de Mandar Seu Augusto Filho o PRINCIPE REAL. As Cortes, Senhor, já forão convocadas pela Suprema Junta Provizoria de Governo, todavia, he mui regular, que estas Cortes não sejão como as antigas. Os homens de hoje não pensão como pensavão os do tempo do Senhor Rei Dom Affonso Henrique, e os do tempo do Senhor Dom Pedro Segundo. Hoje ha outros homens, outros costumes, e outro modo de pensar, e por conseguinte he mui natural que nestas Cortes hajão grandes deliberações, que se discutão os interesses dos Povos, e que talvez se adopte, ou organize alguma Constituição. Neste caso seria mui vantajoso aos interesses de V. Magestade, que assistisse a taes deliberações, para o que devia partir para Portugal, sem hesitar, nem perder hum só momento: e quando V. Magestade não podesse hir, mandar então S. A. R. Authorisado, e como Procurador de V. Magestade.

Tem-se dito que V. Magestade tem convocado muitos Conselhos, e que nestes tem havido muitos, e diversos pareceres, e que alguns Ministros de V. Magestade presando velhas, e cégas rotinas, despresando a Opinião pública, e ignorando a arte de governar os Povos, tem aconselhado a V. Magestade a reclamação do Tratado da Santa Alliança, para forçar os Portuguezes a entrar em seus de-

veres, tem constantemente dito a V. Magestade, que os successos de Portugal são delirios, e bebedeiras, e que finalmente Portugal ver-se-ha bem breve humilhar, e pedir perdão. Este tem sido o parecer dos nosso bastardo Pitt, tão limitado em altura, como curto em conhecimentos politicos, segundo he público, e notorio.

Não accredite V. Magestade tão perfidos Conselhos, elles são inteiramente destituidos de prudencia, e justiça, e basta para serem pessimos, o serem injustos. Se a Santa Igreja, Senhor, declarasse como heresias os grandes erros em politica, não serião estes Ministros os maiores hereges do seculo desenove?

Em quanto a mim, Senhor, os problemas politicos, que tem sido descutidos nos altos Conselhos, e perante V. Magestade, não me parecem de todo dificeis a resolver. Talvez eu me engane: mas ao menos tenho a franqueza de expor as minhas idéas, e de dar as minhas razões, ou verdadeiras, ou falsas, mas conformes com os meus mesquinhos conhecimentos em politica.

Em primeiro lugar, se se trata de saber se V. Magestade deve, ou não hir ou Mandar Seu Augusto Filho o Principe Real, nestas circunstancias, para Portugal?

Respondo o mesmo, que já disse. E repito que logo que chegárão as primeiras noticias dos successos de Portugal, devia V. Magestade hir, e no caso de não poder, Mandar então Sua Alteza o Principe Real. Com este rasgo de politica, V. Magestade não perderia nada na Opinião dos povos, que adorão á V. Magestade, como o melhor dos Reis, porque

mostrava ter toda a confiança nos seus Vassallos; evitava, e destruia na sua origem, algum projecto de ambição do Gabinete de Madrid; e soffocava algum partido de alguns mal intencionados, que se nutrem, e folgão com os males da anarquia. Por isso ainda que V. Magestade, ou Seu Filho Augusto fosse só temporariamente a Portugal, o Povo folgaria de vêr no meio de si o Herdeiro do Throno, o Joven adorado, que seria recebido com os braços abertos, como o Anjo da paz, e como o penhor do amor de V. Magestade; e esta hida produziria sem duvida uteis, e grandes resultados.

Em segundo lugar, se se trata de saber se V. Magestade deve, ou não jurar, e abracar a Constuição feita pelas Cortes da Nação, convocadas, e reunadas legitimamente?

Respondo que V. Magestade deve jurar a Constituição, que fizerem as Cortes de Portugal, porque esta he a vontade geral da Nação, em a qual existe, e reside essencialmente a Soberania do Povo, e da Nação; e porque huma tal Constituição hade ter só em vista a felicidade, e prosperidede geral da Nação, o explendor, e Decóro do Throno, e a Gloria e Honra Nacional. Sobre isto parece-me que V. Magestade não deve hesitar hum momento, antes deve abraça-la de bom grado; porque, Senhor, os Deputados de Cortes, os Pais da Patria, os Patriarcas da Nação Portugueza, representando todos em grande, e respeitavel Assembléa, a Magestade do Povo Portuguez, poderáõ dizer em ultimo apuro, que os Reis são feitos para os Povos, e não os Povos para os Reis; que os Póvos podem viver, e existir sem Reis

e não os Reis sem os Póvos; e que os Reis forão feitos para fazerem a fortuna, e felicidade dos Povos, e não os Povos para fazerem a fortuna, e felicidade dos Reis. Todavia estou convencido, que as Cortes penetradas de sentimentos nobres, e generosos d'amor e respeito pelo melhor dos Reis, não defraudárão a V. Magestade dos Direitos, e Regalias inherentes ao Throno, mas que cuidaráõ em reintregrar a Nação em seus direitos, de cuja posse tem sido esbulhada pela immoral perversidade dos homens, e fatalidade dos tempos, fazendo-a entrar no exercicio de seus antigos fóros, responsabelisando todas as Authoridades, quasquer que ellas sejão, para com a Nação, garantindo a liberdade individual, a prosperidade de cada hum, estabelecendo regras fixas, e inalteraveis, que impeção o abuso da imposição, da cobrança, e da applicação dos tributos, e formando huma linha de demarcação, que separe, e divida os Direitos, e Regalias do Throno, das Regalias, e Direitos da Nação.

Em terceiro lugar, se se trata de saber se V. Magestade deve estabelecer a Sede da Monarquia em Portugal, ou no Brasil? Respondo; que a Sede da Monarquia, e do Imperio Portuguez deve ser naquelle lugar, que for determinado pela Constituição, ou pelas Cortes da Nação, e que for mais conveniente aos interesses do Reino-Unido, e de toda a Monarquia. Não podendo as mesmas Cortes ignorar, que o nosso legitimo Pitt Portuguez, o Judicioso, e Sabio Marquez de Pombal, propoz ao Augusto Avô de V. Magesgade o plano de se transferir a Sede da Monarquia Portugueza para o

Brasil, por occasião do espantoso terremoto de 1755 pelo qual a Corte de Lisboa foi arruinada, e destruida desde os seus fundamentos.

Tem-se dito que alguns Ministros tem aconselhado a V. Magestade que abandone Portugal, que na Carta geografica, não occupa mais que hum pequeno ponto, e que V. Magestade só com o Brasil he hum Grande Monarca, porquanto o Brasil só he hum Paiz vastissimo, fertilissimo, e requissimo.

A mim porém, semelhante Conselho não me parece muito prudente, como logo farei ver a V. Magestade. Todos, Senhor, sabem muito bem que Portugal abrange hum pequeno territorio, em comparação do vasto territorio do Brasil. Porém Portugal he hum excellente Paiz, ainda que pequeno, he fertil em muitas, e variadas producções, o seu clima he mui saudavel, e póde ser elevado a hum muito maior auge de prosperidade, em todo o sentido, que he o que até agora lhe tem faltado. Elle tem pelo menos tres milhões de habitantes, e na proxima preterita guerra apresentou em campo, armados, promptos, e dissiplinados, para sima de cem mil homens, que revalizárão sempre em interpideza, e coragem, se he que não excedêrão, com as melhores Tropas da Europa. Hoje he verdade que não tem nem agricultura, nem Commercio, nem Marinha, nem Fabricas, nem industria; mas huma sabia administração, e hum Governo vigoroso, e energico o fará bem depressa sahir do seu abatimento. Basta saber, Senhor, que no tempo do Senhor D. Diniz, tinha mais população, que hoje, e que a pesar disso vendia trigo para fó-

ra, quando hoje não tem grãos para seis mezes.

Portugal, diz o grande Raynal deve lembrar-se que deveo a sua riqueza, e opulencia á sua Marinha d'outro tempo: que a fama se ocupava então em cantar seus gloriosos Feitos, praticados no Oriente, onde florecia o seu Commercio: que nos devemos espantar do numero, e rapidez das suas victorias, e que a intrepidez daquelles homens, que Affonso d'Albuquerque commandava, tem todo o direito á nossa admiração. Não tinha Portugal (continúa elle) mais que quarenta mil Soldados, e só estes fazião tremer o Imperio de Marrocos, todos os barbaros d'Africa, os Mamelucos, os Arabes, e todo o Oriente desde a Ilha de Ormuz até á China, mostrando-se por toda a parte mais do que homens.

Portugal (accrescenta Depradt) imperceptivel hoje na Europa por sua posisão, limitada população, e territorio, foi o primeiro Povo que suspeitou a existencia de terras desconhecidas, cujas descobertas realisou com passos de gigante. Pelo heroismo do seu valor, e virtude encheo de espanto, e admiração as Nações da Asia, e Africa.

Portugal desconhecido na Europa, tornou-se hum colosso na Asia. Muitos Illustres Portuguezes, Albuquerque, Vasco da Gama, Ataide, e Castro, desenvolvêrão talentos, e virtudes dignas de comparação com tudo quanto a historia nos apresenta de grande, e recommendavel. Seus nobres feitos, senão fossem attestados pela verdade da historia, todo o mundo os teria por maravilhas da Fabula dos tempos heroicos.

Agora he de notar, Senhor, que quando

Portugal espantou o Mundo com as suas conquistas, não contava ainda com os recursos do Brasil, descuberto em mil e quinhentos, pelo Illustre Cabral.

E se hum povo pequeno, Senhor, figurou tanto, quando a agricultura, a população, a industria, a paciencia, a reflexão, a economia, e huma boa administração, e sã politica dirigírão as suas especulações. Não deveremos esperar agora que Portugal, com o Brasil elevado á Cathegoria de Reino-Unido, com hum Governo Constitucional, energico, e Patriotico, tendo em vista sempre o bem público, seja bem depressa huma Nação da primeira ordem? e que tenha huma proponderancia, e influencia bem consideravel, na balança politica, tanto da Europa, como da America? Não o podemos duvidar, Senhor!

A' vista só desta unica reflexão, já V. Magestade poderá conhecer quão pouco judicioso he o conselho de abandonar hum povo, e hum Paiz, que vio nascer a V. Magestade, e que nos seus antepassados produzio huma linha de Reis, que fizerão conquistas immensas nas tres partes do globo, e huma brilhante figura no Mundo.

Mas, Senhor, que nos resta hoje de hum tão colossal poder? Unicamente as possessões seguintes; na Asia, Dámão, Macáo, Diu, e Goa, na Africa Oriental Moçambique, na Africa Occidental, algumas feitorias, e Governos na Costa de Guiné, Ilhas de Caboverde, e Madeira; na America o Brasil.

E qual será o destino do Brasil, quando estiver tão povoado como a Europa? formará

acaso então hum só povo, hum só Reino, huma só Nação, huma só Monarquia? Não gastemos tempo com perguntas, e projectos, cuja discussão pertence aos gabinetes dos Principes, dos Politicos, e dos Filosofos! Sigamos o fio do nosso discurso.

O Brasil, Senhor, he hum Paiz immenso, basta dizer que a sua costa he com pouca differença de extensão de 1250 legoas, e para o interior ainda os seus limites não são exactamente conhecidos. O seu clima, diz Raynal he são, tem portos excellentes. O interior do Paiz he muito productivo. As Costas geralmente fallando são ferteis. As producções que são particulares ao Brasil, prosperão todas. Nada falta ali para fazer hum dos mais belos estabelecimentos de globo. A sua extensão (refere Depradt) tem de comprimento 520 legoas, e de largura 340 ou 176:800 legoas quadradas, espaço muito maior, que o que occupa Hespanha, Portugal, França, Belgica, Holanda, e Inglaterra. Pela sua extensão, e riqueza podia ser a mais florecente Colonia, ou antes o mais opulento Imperio do Mundo. O ouro, os diamantes, nascem em seu sejo. As mais ricas, e commus producções prosperão admiravelmente. A cochenilha, a cana do assucar, o anil, o algodão, o tabaco, o milho, e outras immensas producções nascem por toda a parte. E se este Paiz, que tem poucos cultivadores, e onde as margens dos Rios navegaveis estão ainda cobertas de matos virgens, he tão rico; que será, quando tiver huma população porporcionada á sua grande extensão, e fecundidade?

Todavia, a sua actual população, he ainda bem insignificante, pois não excede a tres milhões, e oitocentas mil almas, entrando neste calculo brancos, negros, mulatos, e todas as mais castas de gente. Este he o calculo de Humboldt, Mawe, e Depradt, o qual bem que não determina o numero positivo das brancas, podemos affirmar que talvez não exceda a hum milhão. Raynal dá a todo o Brasil 176:028 brancos, 347:858 escravos, e 278:349 Indios, de cujas Capitanias todas a mais povoada he a da Bahia, á qual dá 40:000 brancos, 68:000 escravos, e 50:000 Indios. Este calculo porém de Rainal, não tem exactidão alguma, por ser relativo ao tempo em que elle escreveo, e o de Depradt, he sem duvida, senão verdadeiro, ao menos proximo á verdade, pois pelo calculo de Raynal vinha a ter todo o Brasil 802:235 almas, o que he impossivel.

Seguindo pois a opinião de Depradt, he ainda bem notavel a differença entre a população do Brasil, e a de Portugal, pelo que respeita á casta dos brancos, que he onde existe a força moral e fysica, e não em os escravos, que, por ora, considero só como entes nullos, e negativos em quanto á força moral.

A pezar disso porém, V. Magestade não deve abandonar, nem perder Portugal, principalmente quando toda a Nação uniformemente acclama a V. Magestade para governar como Rei, ainda que Rei Constitucional, e quando com esta fórma de governo não só não compromette o Decoro da Coroa, os Direitos Sagrados do Throno, e a Honra e Gloria Nacio-

nal, mas antes pelo contrario firma e firma cada vez mais a sua Dinastia, a esperança, e a prosperidade da Nação, porque, Senhor, se V. Magestade abandona, e perde Portugal, tambem perde o Brasil, e por isso he de toda a necessidade conservar, e não abandonar Portugal, para conservar e não perder o Brasil. Eu tenho ouvido, Senhor, que tem havido Ministros, que tem aconselhado a V. Magestade que com o abandono de Portugal não perde mais, que hum pequeno territorio, de que o Brasil abunda em demasia, e que ao menos não dá ao Brasil hum máo exemplo, compromettendo o Decoro, e Dignidade da Coroa, por transigir com facciosos e rebeldes, que devião ser todos exterminados, e que, estou mui certo, o serião pelo voto de taes Ministros, que tão estupidos e ignorantes, como perversos, e malvados escrevêrão (segundo he público, e notorio) o seu voto, e conselho com sangue. Não preste, porém, Senhor, attenção, nem dê ouvidos a tão sinistros, conselhos. — Estes Ministros tem arruinado a Portugal, e querem, para consummar a sua obra, perder tambem a V. Magestade, e o Brasil.

Portugal, Senhor, bem que hoje se ache em hum estado de abatimento e miseria, todavia, tem hum Exercito forte, disciplinado, e aguerrido, que será como foi sempre o baluarte da liberdade, e independencia Nacional, e o apoio do Throno, logo que V. Magestade jure a Constituição, que fizerem as Cortes, a qual he o unico meio de salvar a Patria de huma fatal, e desastrosa anarquia, de manter a sua independencia, e de penhorar a se-

gurança do Throno de V. Magestade. — V. Magestade precisou de Tropa, e Mandou vir de Portugal huma Divisão do Exercito, que talvez não achasse no Brasil.

Portugal pois, sendo abandonado por V. Magestade, e quebrados todos os vinculos que o prendem, e ligão com o Brasil, abraçará o partido que julgar mais conveniente aos seus interesses, e pensará mui seriamente sobre o destino que deve tomar huma Nação briosa, fiel, e honrada, mas desgraçadamente abandonada pelo seu Rei, e pelo seu Monarca, pelos máos e falsos conselhos de seus estupidos, e ignorantes Ministros. — Nestas circunstancias, Senhor, Portugal será huma Nação independente, terá hum governo Constitucional, elegerá hum Rei, e voltará as suas vistas para os recursos da industria, que são os unicos que lhe restão. Ou conservará a sua integridade, e independencia, mas debaixo da protecção da Hespanha. E em ultimo apuro, poderá unir-se com a Hespanha, e então estes dois Reinos, Unidos pela natureza e pela politica, formarão, com inveja da Europa, huma Nação da primeira ordem, sem necessitarem d'alguma outra para a sua conservação, e existencia politica. Huma Nação, que tem, dentro do seu territorio, todos os materiaes, e elementos da sua grandeza, e que póde elevar ao auge que quizer, todos os recursos da industria, com hum Governo Constitucional, activo, vigilante, e energico será certamente huma Potencia de grande respeito, e consideração politica, e terá hum lugar distincto entre as Nações da primeira ordem. Perdido pois, Senhor, e abandonado por V. Magestade para

sempre o pequeno Reino de Portugal, poderá então V. Magestade voltar as suas vistas para os seus vastos, e desertos Dominios do Brasil. — O Brasil, que tem quasi quatro milhões de habitantes, talvez não tenha hum milhão de brancos, e os escravos, que são os que formão a totalidade da população, não se podem contar senão como bois ou bestas proprias para a cultura das terras. Com elles jámais se deverão formar, organisar e disciplinar corpos de Tropa; porque se isto se effectuasse, o primeiro passo que elles darião seria empregar a força, para repelir e destruir a força; isto he, para despedaçarem os ferros da escravidão, assassinando os seus Senhores, como fizerão na Ilha de S. Domingos os escravos, onde não deixárão vivo hum só branco. — De resto, a força dos homens brancos, e livres será sempre mui insignificante, para formar hum pé de Exercito digno d' algum respeito. E este mesmo Exercito, pequeno ou grande, dividido, e separado, por todas as Capitanias e vasta extensão do Brasil, ficaria reduzido a nada, ou quasi nada. — Logo he manifesto, que o Brasil não está por ora em circunstancias de apresentar hum Exercito que possa comparar-se com o de Portugal.

He necessario tambem, Senhor, sermos francos, e sinceros, e como taes confessar, que alguns Escriptores estrangeiros, e dos nossos dias, tem fallado na desmembração, e independencia da America; e alguns Portuguezes accreditando, como verdade, tudo quanto está escripto em letra redonda, dotados de huma imaginação escaldada, amantes da novidade, e querendo se-

guir os passos da America Ingleza, e Hespanhola, sem meios, sem calculo, e sem reflexão, manifestár o projectos que se desvanecêrão, como o fumo, cujos resultados todos sabem melhor que eu. Taes forão os tristes, e fataes acontecimentos de Pernambuco! — Todavia porém, Senhor, se no Brasil, ou Portugal ha pessoas, que cogitem da independencia, eu accredito, e estou persuadido, que estas devem ser rarissimas, nem admira, que hajão algumas; porque ainda não houve seita alguma politica, Filosofica, ou Religiosa; por mais irregular e extraordinaria que fosse, que não tivesse proselitos, e sequazes. Tão vários e diversos são os juizos dos homens! Com tudo, estes Arquitetos da independencia só podem ter (em quanto a mim) dois planos na sua imaginação, a saber, ou fazer dos vastos dominios do Brasil, hum governo Republicano, ou então organisar tantos govenos independentes, huns dos outros, quantas são as suas Provincias, ou Capitanias.

Em quanto pois ao projecto de fazer de todo o Brasil huma só Republica, parece-me, no estado actual das cousas, muito mais difficil de realisar, que, na Europa, o Systema de huma Monarquia universal, em que tanto se trabalhou n'outro tempo, e que, ainda em os nossos dias, o homem extraordinario da França, que n o conhecia impossiveis, debalde o tentou debaixo do novo e pomposo nome de Systema Continental. Como he possivel, fazer huma Republica, de hum Paiz vastissimo, desconhecido ainda em grande parte, cheio de florestas infinitas, sem população livre, sem civilisação, sem artes, sem estradas, sem relações mutua-

mente necessarias, com interesses oppostos, e com huma multidão de escravos, sem costumes, sem educação, nem civil nem religiosa, e cheios de vicios, e habitos antisossiaes? Huma tal Republica não existirá senão no Paiz das quimeras, e Solon e Licurgo fundadores maravilhosos das duas mais celebres e decantadas Republicas da antiguidade, Esparta, e Athenas, não serião capazes de effectuar tão ardua empreza. Semelhante projecto he hum sonho, como a Republica de Platão. E todos os homens judiciosos e sensatos estão convencidos disto mesmo. Além de qué, a historia, e a experiencia tem mostrado sempre, que os governos Republicanos são tão sómente accommodados a pequenos Estados. Desta opinião he o Author do celebre contracto sossial. E Montesquieu confessa, que huma Republica grande tem, dentro de si mesma, hum vicio destruidor. E sendo o luxo, a incontinencia, a falta de costumes, e de educação, tanto publica, como particular, assim como a ociosidade, e desprezo pelo trabalho, os vicios que tem desorganisado e destruido todos as Republicas do Mundo, seria possivel, que estes mesmos vicios organisassem e constituissem no Brasil, hum semelhante Governo? Sejamos criticos e judiciosos, e não leves e faceis em accreditar systemas!

O outro plano de formar tantos governos independentes, huns dos outros, quantas são as suas Provincias, e Capitanias, ainda me parece maior quimera; por quanto não tendo cada huma dellas sufficientes forças para se conservar e defender, devião, dentro de pouco tempo, acabar de debilidade, e fraqueza.

Hum Estado pequeno e fraco não póde hoje existir nem moral, nem fysicamente; porquanto os Estados pequenos estão por irrevogavel Lei da natureza condemnados a fazerem huma provincia, ou serem huma colonia das grandes Nações. O Brasil tanto em extensão, como em fecundidade, he certamente muito grande, assim como he muito pequeno a todos os mais respeitos; podendo dizer-se que parece ainda estar no estado da infancia. As suas forças são ainda muito fracas, e a vastidão do Paiz, e a sua pouca civilisação e cultura, as torna cada vez mais debeis e insufficientes.

A America Ingleza, Senhor, não ha duvida, que reclamou, e conseguio a Carta de emáncipação da sua independencia; todavia, ella tinha incomparavelmente mais população que o Brasil, e pensava muito mais judiciosamente sobre os seus verdadeiros interesses; porquanto, hum branco no Brasil despreza-se de cultivar a terra, e ainda que na Europa tivesse sempre vivido debaixo de hum rude e pezado trabalho; todavia, logo que chega ao Brasil envergonha-se, e despreza-se de trabalhar, persuadido que semelhante trabalho he só proprio de homens pretos, e escravos. Pelo contrario, o Americano dos Estados-Unidos não era hum Americano da America, era hum Americano da Inglaterra, ou para melhor dizer, hum verdadeiro Inglez, que longe da sua Patria originaria conservava a mesma coragem, o mesmo espirito, e a mesma tendencia, e aptidão para o trabalho que tinha na Europa. Sobre tudo, as Artes, e as sciencias prosperavão como na Inglaterra, e os Immortaes Franklins, Adams,

e Wasingthons mostrão bem que ella tinha chegado ao seu estado de virilidade.

A America Hespanhola tem, geralmente fallando, reclamado a sua emancipação, e independencia; todavia, ella tem huma população de quinze milhões de habitantes, quando a Hespanha, Mãi Patria não tem mais de nove a dez. Pelo atrasamento de luzes em que se acha, não se póde considerar senão no seu estado de juventude. Ella tem continuado ainda na sua luta, e algumas provincias, depois de terem soffrido os horrores da anarquia, tem tractado de mandar os seus Deputados á Europa.

O nosso Brasil, Senhor, não se póde considerar por ora senão no seu estado de infancia, tanto pela falta de população, como escassez de luzes. Este Paiz, que ainda ha pouco tempo era huma Colonia de Portugal, he agora com toda a razão e justiça, huma parte integrante do Reino-Unido, e participará dos beneficios de huma Constituição liberal, em que sabiamente se trabalha, logo que mande os seus Deputados ao Congresso Nacional. Porém, este grande Paiz, em quanto consentir homens brancos, que tenhão desprezo ao trabalho, e homens pretos, que arrastem os pezados ferros de huma dura escravidão, nunca poderá prosperar, nem florecer. A escravatura do Brasil, he hum mal habitual, com o qual todos estão familiarisados; todavia, he maior do que se pensa. Curallo de repente he impossivel; porque então o remedio seria ainda peor que o mesmo mal. Os remedios heroicos em circunstancias identicas, matão sempre o doente, e não curão a molestia.

Nas circunstancias presentes pois, a independencia do Brasil, tanto em huma como em outra hypothese, não tem fundamento algum; e huma irupção tão prematura, e intempestiva, só augmentaria os seus males, e desafiaria a sua desgraça. E supondo ainda, que Portugal generosamente abandonasse o Brasil ao seu destino, com o fim de conservar com elle relações mercantis, e de nenhum modo, empregar a força para soffocar o espirito de partido que rebentasse em algum ponto, ainda neste caso não podemos afiansar, que o Brasil não fosse bem depressa a preza de muitas Nações, que, á lerta sempre sobre os seus interesses, não perderião a occasião de adquirirem, ou conquistarem facilmente aquellas possessões do Brasil que mais conta lhes fizessem.

As Nações do Norte da Europa, que bordão o Baltico, tem, a pesar da sua sobriedade, voltado as suas vistas para a navegação. A Suecia, e a Dinamarca, tem augmentado a sua marinha. A Russia de ha cem annos a esta parte, tem tão prodigiosamente augmentado o seu collossal poder, que parece hoje ameaçar a Europa inteira. Ella tem-se limitado aos Mares Baltico, e Negro até os nossos dias. O porto de Constantinopola porém, e huma Marinha respeitavel, ainda farão, com o tempo, parte do seu patrimonio; e esta tremenda Nação, que tem mostrado vistas muito ambiciosas, talvez não perdesse huma excellente occasião de tomar posse d'algumas possessões no Brasil. A Inglaterra, que a huma distancia immensa, e com grandes despezas, conserva na Asia vastas pessessões, na qual com tres

mil Officiaes, e desesete mil Soldados Inglezes, tem, debaixo do seu poder, hum Exercito de cento e quarenta mil Indios, e huma população, que talvez exceda a trinta milhões de habitantes; a Inglaterra, superior em navegação, em commercio, em industria, em capitaes, e hum povo Colonial por excelencia, não perderia huma occasião oportuna de se colonisar em alguma das provincias maritimas d' America. Esta Nação pois com hum pé na Asia, com outro no Brasil, e com a cabeça na Europa, abarcaria dentro dos seus braços, todo o Commercio do Mundo, e tornar-se-hia hum colosso inhabalavel. Ella roubaria então a Neptuno o seu Tridente, e o Rei dos mares, despojado dos seus Estados, cederia com o seu Tridente, o seu Imperio. O mesmo faria a França; a qual pela sua grande população, e vastidão dos seus recursos, poria nos mares huma grande, e respeitavel Marinha.

Nós, Senhor, permanecendo unidos, podemos ser grandes e poderosos, porém se nos desunirmos, não teremos representação alguma, por sermos pequenos e fracos; e nestas circunstancias o Brasil não he nada, e Portugal cousa nenhuma. E ainda mesmo que se forcejasse por este estado de nulidade, quem póde calcular os effeitos de huma fatal desmembração? Quem sabe se Portugal tomaria o partido das Armas, e se seria coadjuvado pelas Nações suas naturaes amigas, e aliadas? Quem sabe se algumas Nações especuladoras pertenderião colonisar o Brasil para ellas? Huma desmembração, onde ha tantas castas de gente, como no Brasil, póde ter resultados muito tristes. Eu

ainda me recordo do que acconteceo na America Hespanhola, onde os Realistas massacravão os independentes, os independentes os Realistas; onde os negros, os cabras, os mulatos assassinavão indistintamente, tanto os independentes, como os Realistas, e estes áquelles; e onde finalmente alguns Chefes de partido, para augmentarem o seu poder, derão huma Carta geral de liberdade aos escravos; como fez Bolivar em Caracas. Terrivel, e perigoso exemplo para hum Paiz de muitos Escravos como o Brasil! Em toda a parte onde os brancos são muito menos que os escravos, e onde ha muitas castas de homens, huma desmembração, ou qualquer outro choque de partidos, póde estar ligada com a sentença de morte, e hum Baptismo de sangue geral contra os brancos, como acconteceo em S. Domingos, e poderá acontecer em toda a parte, em que os escravos forem superiores em força, e numero aos homens livres.

Hum throno negro, he hum exemplo tão lisongeiro pará os escravos, como terrivel para os homens livres, porque lhes póde dispertar e fazer conhecer, o estado da sua cruel situação, e lembar-lhes, que elles são homens que podem ser livres, e governar como os brancos. A escravidão, Senhor, he hum jugo muito pezado e duro, e muito contrario á filosofia e luzes do seculo presente; e he da natureza de todo o jugo o ser despedaçado mais cedo ou mais tarde. A força fysica já está da parte dos escravos, e hoje he só a força moral que os contém. Esta porém he hum prestigio que póde, como o relampago, desapare-

cer em hum momento. Os escravos tem por irrevogavel Lei da natureza, hum direito imprescriptivel a reclamar os beneficios da liberdade, e os direitos de homem, e de Cidadão; e se todavia são escravos e desgraçados, tem por isso mesmo direito á nossa compaixão; e não ha razão, nem direito, nem justiça para praticarmos com elles actos de tyrannia e despotismo. Os proprietarios do Brasil, Senhor, que medem e calcúlão a sua riqueza pelo numero de escravos que tem, devem lembrar-se que a sua existencia, e a sua desgraça póde depender de hum momento terrivel e desastroso; porquanto, os escravos são sempre inimigos naturaes de seus senhores; elles são contidos pela força, e pela violencia, e em circunstancias taes, huma reacção póde ser de perigosas consequencias. Convém pois sempre grande cuidado, e vigilancia, e não augmentar o seu numero infinitamente; porque todas as cousas tanto na ordem moral, como fysica tem sempre hum termo.

He necessario tambem, Senhor, dispor o espirito público dos homens livres para o trabalho, e cultura da terra, e reprimir o espirito militar. O Brasil, e da mesma fórma Portugal, logo que tenha huma Marinha respeitavel, que o ponha a cuberto dos Corsarios, e de alguma invasão, tanto de mar, como de terra, não necessita de muita Tropa de Linha, e sobre tudo de Milicias, que tão contrarias são aos progressos da agricultura, e que seria bem interessante ao Estado, que as suas baionetas, e espadas fossem convertidas em instrumentos de agricultura, para fazerem huma

util; e pacifica guerra ás florestas, e campos incultos. A muita tropa he hum pezo na sociedade, ruinoso por sua mesma natureza, destruidor dos homens durante a guerra, e dos campos durante a paz. Sim, Senhor, os Soldados arruinão os campos que não cultivão; porque cada hum delles priva o Estado de hum util cultivador, e carrega-o de hum consumidor ocioso, e esteril. E hum Exercito he huma antropophagia monstruosa, que devora em cada geração huma porção do genero humano, e que não he defensor da Patria em tempo de paz senão por hum systema funesto, que debaixo do pretexto de defeza, põe os póvos em actitude de guerra, fazendo-os agressores. Tem-se declamado muito nos nossos dias contra o celibato dos Sacerdotes, em cujo numero ha muitos homens velhos, e inuteis á população, e tem-se olhado com indifferença o celibato da Tropa, que he sempre a flor da juventude da Nação, e a alma da reproducção. Por toda a parte, a opinião, e o Despotismo tem convertido os Cidadãos em Soldados, mas a Opinião, e a Filosofia emendará este defeito, fazendo de Soldados guerreiros, cidadãos uteis, e pacificos. Se os esforços que as Nações tem feito para se arruinar, e destruir, por meio de guerras dessoladoras, tivessem sido dirigidos, por hum systema pacifico de melhoramento de agricultura, e commercio; para augmentar as commodidades tanto publicas, como particulares, e minorar os males da humanidade, o Mundo estaria reduzido a hum Jardim, e os homens serião felices! Todos os esforços da industria serião empregados em edificar, e não em destruir. Então

as charnecas do Alem-Téjo, e as florestas do Brasil serião arroteadas, e cultivadas, assim como os desertos da Russia. Os vastos campos da Polonia não serião destruidos: o Imperio dos Turcos seria mais bem cultivado, e a benção de seu falço, e impio Profeta abrangeria huma immensa população. O Egypto, a Syria, a Palestina, a Hespanha, em huma palavra, todo o Mundo, torno a repetir, estaria reduzido a hum jardim, e os seus habitadores serião felices. Era hum dogma na falsa Religião dos Gregos, que ninguem podia hir ao Ceo, sem ter hum filho, sem cultivar hum campo, e sem plantar huma arvore; esta crença era falsa sem duvida, todavia, politicamente fallando, produzia excellentes resultados. Quando porém, hum impostor politico, ou religioso, faz com suas imposturas, e enganos, muito bem á humanidade, he justo que lhe perdoemos. Todavia, os prestigios, e as ilusões devem desapparecer diante da Filosofia, e luzes do seculo, como as trévas diante do Sol, e hoje devem os homens ser só conduzidos pelo caminho da verdade, e da justiça, e por meio do interesse pessoal, unica, e verdadeira móla de todas as acções dos homens.

O Illustre Pastor de Cambray, e o bom Abbade de São Pedro não fizerão presente de seus escriptos á humanidade para povoar os desertos de fanaticos intolerantes, que fogem os vicios da sociedade, mas sim para os povoar de familias felices, e numerosas, que manifestem sobre a terra a gloria, e grandeza de Deos, assim como os Astros a publicão no firmamento.

O Povo Portuguez, Senhor, que o Despotismo Ministerial tem governado a mero arbitrio, se abrir as paginas da sua historia, lerá, a cada passo, que as Cortes da Naçaõ se convocavão sempre que se tractava da imposição de algum tributo, ou da decisão de algum negocio mais serio, e importante. Se o Despotismo Ministerial aborrogou este costume tão justo, como necessario ao bem público, todavia, o direito não foi perdido, nem tão sagrado direito póde jámais ser abolido, por huma prescripção, ainda a mais immemorial. Este direito está escripto no Ceo, que deo a terra aos homens para a cultivarem, está escripto nos campos, que a Providencia lhes designou para desfructarem, e está escripto no coração dos Portuguezes, em que Deos lhes gravou, e imprimio o amor da liberdade; e este direito he tão sagrado, inalienavel, e imprescriptivel, como o da sua existencia, e conservação. E sua cabeça erguida para o Ceo, e feita á imagem e semelhança do seu Creador, não foi feita para se curvar ao Despotismo Ministeral.

Os Grandes da Corte, e da Nação devem saber que a sua verdadeira Grandeza só consiste nos seus talentos, e virtudes, em os nobres e gloriosos feitos de seus Antepassados, e nas suas terras, e grandes possessões; e não em permanecerem em Empregos inuteis ao bem do Throno, e da Patria, de donde lhes não resulta mais que hum brilhantismo refletido, e emprestado. Elles devem hir para os seus Castellos, e cuidar das suas grandes herdades, e possessões. Ahi sendo menos ambiciosos, serão mais ricos, e opulentos. Ahi augmentando as

suas fortunas, augmentaráõ tambem a massa da felicidade commum, e concorreráõ para a prosperidade geral. Elles não devem sustentar o edificio do Despotismo Ministerial sobre a ruina da sua liberdade, das suas virtudes, e das suas propriedades. Elles não podem ignorar, que alguns degradados da sua alta Nobreza vivem occupados em futeis Ministerios, e acabrunhados, como o resto dos Cidadãos, podendo dizer-se de alguns destes que não parecem mais que figuras de bronze, que representão as Nações encadeadas ao pé de huma estatua. . . . . Porém, não perdamos o fio do discurso. . . . . Parece pois manifesto, Senhor, que, perdido Portugal, V. Magestade não teria forças no Brasil, para o fazer retrogradar ao antigo systema anticonstitucional; e, querendo o Norte, e Sul do Brasil continuar a sua união com Portugal, ou abandonar-se inconsideradamente a hum novo destino, em ambos os casos ficaria V. Magestade cada vez mais limitado em Poder, e Authoridade, vendo-se a final reduzido a ser Rei do do Rio de Janeiro; e então conheceria V. Magestade, ainda que tarde, e sem remedio, o precipicio, e desgraça fatal a que tinha sido arrastado pela estupidez de seus ignorantes Ministros, estupidez inaudita nos Annaes Politicos da Deplomacia moderna.

Mas, á vista do que fica exposto, poderia, Senhor, alguem perguntar, que importa que Portugal tenha forças para soffocar alguma sublevação manifestada, em algum ponto do Brasil, ou Portugal, se nós já devemos suppôr Portugal abandonado, e perdido, na hypothese de V. Magestade ter adoptado, e seguido o con-

selho daquelles Ministros, que aconselhárão o abandono de Portugal? Se he que tal aconselhárão! Recorrerá V. Magestade, pelo parecer destes mesmos Ministros, a pedir soccorro a alguma Nação Alliada, para abaffar huma tal sublevação, ou talvez para constranger Portugal a retroceder á antiga ordem de cousas, e abandonar o novo systema de Governo Constitucional? Será possivel que hajão Ministros tão estupidos, e ignorantes, que aconselhem, a V. Magestade, hum tão desacertado delirio? e huma tão imprudente proposição? E haveria algum Governo, que se prestasse a hum petitorio tão injusto, tão antepolitico, como desastroso, tanto para a Nação que o pedisse, como para aquella que o desse? certamente não! Todas as Nações, e Governos da Europa estão hoje demasiadamente instruidas para ignorarem, que ellas não tem direito algum para se ingerirem nas reformas economicas, e negocios domesticos das outras Nações, que tractão de estirpar os abusos introduzidos pela ignorancia, e conservados pelo habito, e pelo interesse, por conhecerem, que são nocivos ao bem público, e incompativeis com huma justa, e sabia Administração, e boa Ordem de cousas.

Se nesta Corte, Senhor, huma familia cogitasse de reformar os abusos da sua caza, dando huma melhor e nova ordem ao governo e conomico da mesma, por ver que o rendimento era menor, que a despeza, e conhecer, que alguns dos criados erão ladrões, não seria tido por louco, e injusto aquelle homem, que, estrangeiro á Familia, pertendesse por força, ou

persuasão obstar á reforma, e economia desta familia, que queria desempenhar-se, proporcionando a despeza ao rendimento a fim de viver decente, honrada, e honestamente? Certamente, o homem que a tanto se atrevesse seria considerado hum louco, hum injusto, e hum immoral? O mesmo podemos dizer de qualquer Nação, que tivesse hum semelante procedimento; porque as Nações estão humas para com as outras na mesma rezão que as familias.

A pezar porém de tão serias considerações, recorrerá V. Magestade, por conselho de seus Ministros, a pedir ás poderosas Nações da Europa canhões, e baionetas para destruir o bello Paiz de Portugal, que ainda goteja sangue das não cicatrizadas feridas, que recebeo na sua gloriosa defesa contra o colossal poder de Napollião Buonaparte? E para que? Quererão, ainda estes Ministros governar a mero arbitro, depois de huma guerra exterminadora, cujos resultados serião funestos ao vencedor e ao vencido, sobre caveiras frias, e mirrados ossos? Crueis Ministros! Tyrannos opressores! E que poderáõ fazer, Senhor, os Monarcas da Europa conggredados, em virtude dos tractados da santa, ou antes, diabolica Alliança, para entrarem hostilmente em Portugal, que não lhes fazendo damno, nem lesão alguma, não lhes deu direito de coacção? Ignorão por ventura que Estados mais pequenos que Portugal triumfarão em outro tempo dos orgulhosos Conquistadores da Asia? Não sabem, que a soberba e conquistadora Roma, depois de ter maneatado, ao seu Carro de Triunfo as Nações do Mundo, não póde subjugar

a Lusitania, senão a despeito de huma traição infame, que cobrio de vergonha o Senado de Roma? Não calculão, que seria mais facil reduzir Portugal a hum monte de ruinas, e a hum vasto cemiterio, do que constangello a retrogradar da sua nobre, e generoza Empreza, de salvar a Patria, restituindo a honra á Nação, e a Gloria ao Throno? Crueis Ministros! tyrannos oppressores! Cheffes Supremos e Arbitros das Nações; Vós, que tendeis nas vossas mãos os Destinos dos Povos, e do Mundo, apartai para longe dos Vossos climas o estampido do Trovão, e o Raio da guerra: fazei felizes os Povos, immitando a grande Imperatriz da Russia, a qual querendo, melhorar o systema de legislação, chamou os procuradores dos Povos de todo o seu vasto Imperio, e lhes disse "Meus filhos, examinai Commigo os interesses da Nação, para que a mão da liberdade peze os Destinos do grande Povo, na balança da Justiça; unamos nossas vistas, e esforços, para repartirmos, com todos os Cidadões, os preciosos direitos, que lhes são devidos; façamos hum Corpo de Leis sabias, que estabelleça, sobre huma base solida e firme, a grande obra da felicidade pública, e que fixe, para sempre, os Destinos dos Vossos Concidadões. Monarcas da Europa, imitai a grande, e Immortal Catharina no regimen economico dos Vossos Estados; e pelo que pertence aos alheios, muito embora façaes Allianças, e tratados, mas que elles tenhão só por objecto, e limite, livrar os Governos, dos furores e males da anarchia dos Povos; e os Povos, do Despotismo e arbitrariedade dos Governos ... Se porém Vos desviareis

de tão justos como santos fins; Vós sereis sempre responsaveis pela Vossa conducta, para com os homens, e para com Deos. Os remorsos da Vossa intima consciencia, e a Opinião pública, serão o Vosso flagello, neste Mundo, e no outro, hum dia terrivel de vingança vos punirá tanto pelos males que fizestes á humanidade, como pelos bens, que deixastes de lhe fazer.

He huma Verdade, Senhor, demonstrada pela experiencia, que he livre toda a Nação que o quer ser, e que corajozamente pugna pela sua liberdade. Não vimos nós huma coalição geral da Europa contra a França, no tempo em que esta Nação estava embriagada com a sua tão decantada Liberdade? E qual foi o resultado final? Convencer os inimigos, que he invencivel huma Nação que combate pela sua Liberdade! Não vimos nós o Heroe da França capitanear para os Sertões da Russia, o maior e mais brilhante Exercito, que tem visto o Mundo, e desaparecer todo á vista da abrasada Moscow, como as areas do deserto ao sopro impetuoso do vento do meio dia, ficando todo submergido debaixo dos immensos e frios gelos? E qual foi o resultado de huma dessolução, que cobrio a Europa de luto, e cuja lembrança só, faz terror aos vivos, e espanto aos mortos? A queda do tyranno da Europa, e a Liberdade da Russia! Não temos ainda diante dos nossos olhos, os extraordinarios esforços, que o Genio violento de Napolleão Buonaparte empregou, para Conquistar a Hespanha, em cuja teimosa luta perdeo para cima de seis centos mil homens, quando talvez não pensasse perder hum sargento? E qual foi a final o re-

sultado de tão heroica defeza ? A Liberdade da Hespanha, e o triunfo da virtude, e da Justiça ! Não tivemos nós, Senhor, a gloria de combater a favor do Throno, da Religião, e da Patria, tres vezes Libertada, e tres vezes invadida por aguerridos, e numerosos Exercitos Francezes commandados pelos melhores Generaes do Mundo ? E qual foi o resultado de tantas invasões ? Repellir a Tyrannia, salvar a Patria, e restituir a V. Magestade a Coroa, e o Throno usarpado pela perfidia Franceza, e resgatado com o preço das vidas, e sangue de milhares de Portuguezes, cuja perda a Patria agradecida lamenta, e lamentará sempre ! . . . Sim Manes dos Illustres Campiões da Liberdade do vosso Paiz, Manes dos Guerreiros e Defenssores da vossa Patria, vós remisteis o Throno do vosso adorado Rei, e resgatasteis a Liberdade da vossa Patria, com o preço das vossas vidas, e do vosso sangue ; eu interrompo, só por esta vez, o sossego dos vossos jasigos, e se podeis, com vossas mirradas mãos, arrombar as campas, que cobrem vossas frias cinzas, erguei vossas cabeças, e vede no Templo da Memoria vossos nomes gravados já em duros bronses, e a par dos nomes, dos Albuquerques, dos Castros, dos Athaides, dos Gamas, dos Leonidas, dos Brutos, dos Catões, dos Melciades, dos Temistocles, dos Xenofontes, dos Camillos, dos Pachecos e Almeidas. Mas não, Senhor, silencio ! não interrompamos, o sossego de tão inclitos Varões ! respeitemos seus jasigos ! e permitamos aos Benemeritos da Patria hum eterno descanço ! He pois, torno a repetir, huma verdade demonstrada pela experiencia, que he li-

vre toda a Nação que o quer ser, e que corajosamente pugna pela sua Liberdade!

Parece-me pois, Senhor, que tenho demonstrado que V. Magestade não deve seguir o parecer daquelles, que lhe aconselhão o abandono de Portugal; por quanto, se lho aconselhão de boa fé, então são ignorantes; mas, se aconselhão o contrario do que sentem, então são traidores. Em ambos os casos não preste V. Magestade attenção a taes proposições; V. Magestade deve estar muito certo que Portugal, e as Cortes hão de querer só o bem geral da Nação, e o de V. Magestade: V. Magestade em jurar a Constituição não faz mais que firmar, e firmar cada vez mais a Dinastia de V. Magestade, e os futuros, e lisongeiros destinos da Nação. Os que perdem com a Constituição, são os Vallidos, e os Cortesãos, que interessão em que se não administre Justiça, e em que se premee o homem indigno, infame, e o criminoso; porque os homens virtuosos, e Benemeritos confião no seu merecimento, não pactuão com a iniquidade, nem querem pelos meios, e caminhos da infamia conseguir premios, e recompensas dignas do seu merecimento.

Agora resta-me só lembrar a V. Magestade, que, além de hum tratado de commercio vantajoso, e util, e de hum systema de legislação, e economia, e administração pública, clara, simples, e isempta de vicios, que abraujão, e considerem os povos tanto de Portugal, como do Brasil, como huma só Nação, como hum só povo, e como huma só familia, he necessario cuidar sobre tudo, e cuidar muito seriamente de huma Marinha militar, compati-

vel com a riqueza, força, e população do Paiz. Nunca Portugal esteve tão pobre de Marinha, e nunca a precisou mais. Florecendo o Commercio, crear-se-ha huma Marinha mercante, e esta será o viveiro para huma Marinha militar. Huma Nação, com grandes costas maritimas, tanto na Europa, como America, com formidaveis rios caudaes, que penetrão muito para o interior das terras, sobre tudo no Brasil, precisa de huma Marinha respeitavel. Ella será o maior, e mais forte laço que prenda Portugal ao Brasil, e que póde manter, e conservar as suas relações politicas, e mercantiz.

De que servem grandes, e vastas possessões em Portugal, em o Brasil, e outras mais partes do Mundo, se hum só Corsario interrompe todo o Commercio, e faz pôr em risco as fortunas de muitos Cidadãos? Os piratas no mar são mais nocivos, que os salteadores na terra; porque estes roubão sempre objectos de menos importancia, que de ordinario ficão dentro do Paiz. E aquelles, além de roubarem cousas de maior vallor, estas passão sempre para as Nações estrangeiras, o que he sempre maior mal.

He pois indispensavel huma Marinha, que alimpe os mares de piratas, que faça respeitar por toda a parte a nossa bandeira Nacional, e que seja, por assim dizer, huma grande, e formidavel Praça volante, collocada entre o Brasil, e Portugal, para estreitar, e consolidar cada vez mais, a união do Reino-Unido, proteger o Commescio, e conter os inimigos tanto internos, como externos.

A rica, poderosa, e commerciante Inglaterra, ainda hoje seria hum miseravel Povo, e pobre Nação, se não tivesse hum Governo Constitucional, e se, em vez de trinta a quarenta mil marinheiros, tivesse trinta a quarenta mil frades. E Portugal teria feito huma mais brilhante figura no Mundo, se tivesse tido hum melhor Governo, huma melhor Administração, e se, em vez de quatorze a deseseis mil frades, tivesse mais quatorze a deseseis mil marinheros. Portugal seria, o que em outro tempo foi, e que hade ser bem breve com hum governo Constitucional; e elle começará a florecer, e prosperar logo que V. Magestade jure a Constituição, que estão fazendo as Cortes de Portugal.

V. Magestade jurando a Constituição, qualquer que ella seja, mais ou menos liberal, e deixando de ser Rei absoluto para ser Rei Constitucional, poderá d'alguma fórma ser limitado em Authoridade, porém, a despeito disso V. Magestade conhecerá por propria experiencia, que esses limites são uteis a V. Magestade, e necessarios ao bem geral da Nação. V. Magestade passará a fazer huma mais brilhante Figura no mundo, e a ter huma maior representação, e consideração entre os Monarcas da Europa. Gosará de hum socego, e tranquilidade de espirito, de que talvez não tenha gosado nos calamitosos dias do Seu Reinado. V. Magestade será sempre como até aqui tem sido Sagrado, e inviolavel em Sua Pessoa, e a responsabilidade de tudo será só imputada aos Seus Ministros. Ministros rectos, probos, francos, e desinteressados, substituirão homens

ineptos, e imbecis. Todas as instituições politicas tenderão sempre ao bem geral da Nação; como unico fim a que devem ser dirigidas. Estabecer-se-ha hum novo, mas simples plano de Estudos, hum util systema de educação pública, e huma só regra de moral. Hum Cathecismo politico, e civil tão util, como necessario, ensinará, e marcará as mais uteis, e importantes obrigações, e deveres a todos as classes de Cidadãos. A ignorancia, a hiprocresia, e o egoismo serão substituidos pela verdadeira, e bem intentendida sabedoria, filantropia, e patriotismo. Ver-se-ha então renascer huma nova ordem de coisas. A Agricultura, o Commercio, a Navegação, as Artes, e todos os mais ramos de industria sahirão do seu abatimento, e chegárão a hum novo estado de esplendor. Construir-se-hão bellas, e commodas estradas como já houve em o tempo dos Romanos. Cuidar-se-ha da Navegação dos Rios para falicitar a communicação das producções de todos os ramos de industria. Todas estas vantagens farão renascer a paz, e a abundancia por toda a parte. O homem dos Campos, o das Cidades, o Artista, o Negociante, todos erguerão as mãos ao Ceo, e abençoarão o dia em que virão a V. Magestade tomar por testemunha ao Ente Supremo de jurar, e abraçar, a Constituição feita pelo Povo reunido, e congregado, por meio de hum Pacto social, e de huma nova representação Nacional. Então renascerá, pela primeira vez, para os Portuguezes essa decantada idade d' oiro, que os Poetas tem singido. E V. Magestade será o Palladio da felicidade de todos os Portuguezes, e o Astro luminoso, e

bem fazejo, que dará luz, força, e vida, á toda a maquina politica.

A Filosofia, e a Politica, filhas da Natureza, Irmãs, e companheiras inseparaveis da Virtude, Rasão, e Verdade, assentar-se-hão no Throno com V. Magestade, e, illuminando sempre e esclarecendo a V. Magestade, erguerão a voz dizendo, Sabios de ambos os Mundos, Escriptores do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, se Vós quereis ser Benemeritos da Patria, e que o vosso nome seja transmetido á mais remota posteridade, e que a immortalidade coroe os vossos trabalhos, e fadigas, escrevei com franqueza, e liberdade, sobre os meios de augmentar, a prosperidade, e felicidade da vossa Patria, e de a fazer cada vez mais poderosa, mais rica, e mais opulenta. Escrevei hum Cathecismo civil, e politico, para que todos estejão certos na regra das suas acções, no qual todo o Cidadão apprenda com facilidade, os deveres, e officios para com o vosso Amado, e Adorado Rei, para com a Vossa Patria, vossa carinhosa Mai, para com os individuos, que a compõe, e para com vos mesmos. Sede, em vossa conducta, e em vossos escriptos, francos, sinceros, e filantropos. Considerai os Portuguezes, tanto do Brasil, como da Europa, como huma só Nação, como hum só Povo, e como huma só familia, não obstante o mar immenso que os separa. Lembraivos, que todos sois Irmãos; que todos sois ramos da mesma arvore, e vergonteas do mesmo tronco. Lembrai-vos, que na vossa união he que consiste a vossa força, a vossa vida politica, e a vossa representação Nacional. Lem-

brai-vos que os Póvos, e Nações fracas forão sempre a presa das outras mais fortes, e mais poderosas. Lembrai-vos, que, se vos desunirdes, poderá ainda ser Portugal huma Provincia da Hespanha, e o Brasil huma Colonia da Inglaterra, ou das outras Nações. Escrevei pois, pela felicidade, unidade, e prosperidade da vossa Patria. Bafejados pelo ar saudavel de huma Constituição liberal, em que se hão de respeitar os Direitos do homem, e do Cidadão. e na qual se está trabalhando; não deveis temer os interessados clamores do fanatismo, nem os sofismas da impostura, e da ignorancia, nem os furores da inveja. Portuguezes tanto da Europa, como do Brasil, sede homens sensiveis e racionaveis, sede esposos fieis, Pais ternos, Cidadãos zelosos. Amai o vosso Rei, e a Vossa Patria porque só delle e della depende a vossa segurança, e a vossa felicidade; sacrificai por elle, e por ella as vossas forças, os vossos talentos, a vossa industria, e as vossas virtudes. Defendei o vosso Paiz, que vos deo a existencia, que protege os vossos bens, as vossas familias, os vossos interesses, e que vos fas felices. Procurai pois a vossa felicidade, mas não vos enganeis nos meios de a conseguir. Procurai-a no sentimento da innocencia, do trabalho, da frugalidade, e da moderação. Procurai-a na companhia de huma esposa virtuosa, a mante do trabalho, e da familia. Procurai-a no cumprimento dos vossos deveres, como homens, respeitando os homens, e como cidadãos, respeitando os santuario das familias, e os direitos dos vossos concidadãos. Procurai-a no exercicio de hum util, e honesto tra-

balho, mantendo a vossa subsistencia, e a de vossas familias, e lemitando os vossos desejos ao circulo das vossas necessidades, dos vossos deveres, e da vossa condição, qual quer que ella seja. Procurai-a no amor da Justiça, no respeito ás Leis, e ás Authoridades legitimamente constituidas. Sim Portuguezes de ambos os Hemisterios. Sede justos, e bons; porque a Justiça he o esteio da sociedade, e a bondade liga e prende os corações. Sede tolerantes; e indulgentes; porque sois entes fracos. Sede doceis; porque a docelidade fas os homens amaveis. Sede gratos; porque agratidão nutre e alimenta a bondade. Sede modestos; porque a vaidade revolta os seres cheios de orgulho. Perdoai as injurias, para que a vingança não eternize os odios. Sede castos, e moderados; para que a intemperança, e os excessos não destruão a vossa saude. Confundi os vossos inimigos com beneficencia, e generosidade, para sêreis maiores que elles, e superiores ás vis paixões. Não perturbeis a ordem estabelecida, nem interrompaes o socego do vosso Paiz; se a vossa Patria vos não agrada, retirai-vos della em silencio, mas não a pertubeis. Derramai o prazer, e a alegria, com todos os que vivem com vosco, e podeis estar certos que, quem faz homens felices, não póde ser desgraçado. Não lamenteis a vossa sorte; porque sendo justos, e virtuosos sempre estareis contentes. Não invejeis a felicidade efemera, adquirida só á custa de crimes, de imposturas, e da prostituição dos vossos deveres. Não forcejeis por obter, á custa de crimes, remorsos, e baixezas, Empregos, para oprimir os vossos

Concidadãos. Não vos agregueis ao numero dos Validos e lisongeiros, que desprezando a honra, e a virtude, e prostituindo seu alto, e nobre carather, se comprazem de queimar vil incenso junto do Throno, e no altar da adulação. Despresai os cumplices mercenarios dos opressores da Patria, digo acaterva vil de espiões do vosso Paiz, que se cubriráõ de pejo, e vergonha, quando se virem diante de vós. Conduzi-vos desta fórma. E qualquer que seja a injustiça, e cegueira dos homens, com que o vosso destino, e condição vos fizer viver, vós não sereis jámais privados das recompensas que vos são devidas. Nenhuma força, por maior que seja, vos poderá roubar a satisfação interior, unica, e verdadeira origem da vossa felicidade. Vós entrareis a cada momento, e com praser dentro de vós mesmos, e nofundo dos vossos corações, não achareis nem vergonha, nem terrores, nem remorsos. Vós sereis grandes aos vossos proprios olhos, sereis estimados dos homens honestos, e sensiveis, cujo voto, e aprovação he melhor, e mais consolador, que aquelle de huma multidão céga, e inconsiderada. Huma vida virtuosa, e tranquilla sempre, e sempre socegada vos condusirá agradavelmente ao termo dos vossos dias, termo necessario, e marcado, por huma lei da natureza, a todos os viventes. Se a salvação da Patria porém, vos determinar que morraes por ella, vós sereis felices, ainda mesmo no momento, que preceder e acompanhar este sacrificio. Penetradas de sentimentos nobres pelo bem público, e livres de opiniões abjetas, e absurdas de hum vil egoismo, vós o sereis tambem d'aquella,

que prefere o amor da existencia ao amor da honra, e da gloria de salvar a Patria. Terminando a vida de hum modo tão necessario, como glorioso, vós não accreditareis morrer, mas sim, começar huma nova vida. Vós tendeis já apprendido a conhecer, que a morte, que he o termo da existencia dos homens vis, e criminosas, he, sem duvida, o principio da gloria, e da immortalidade dos Cidadãos Benemeritos da Patria. Sim, Portuguezes da Europa e do Brasil, eis-aqui o mais sagrado dever, que de vós exige a Patria, a qual vela, e velará sempre, como carinhosa Mãi, sobre os vossos Destinos. O antigo Pacto sossial, e Alliança, que o Fundador da Monarquia estabeleceu com o Povo Portuguez nos campos de Ourique, ou Lamego, já foi novamente ratificado, e jurado por ElRei o Senhor Dom João Sexto, por seu Augusto filho o Principe Real, e pelo Povo Portugez, no dia 26 de Fevereiro, que será sempre de memoria eterna nos fastos da lusa Monarquia. Sim, neste dia, foi jurada a Constituição Portugueza; a Constituição, que fará que a Soberania do Povo permaneça sempre na totalidade da Nação, e que a lei seja igual para todas, e que vegie com igualdade sobre todos; que fará que o Filosofo indague a verdade, esclareça a Nação, e pregue a virtude com o exemplo; que fará que o Magistrado conserve sempre em equelibrio a balança da Justiça; que fará que o Militar defenda a Patria, e obedeça cegamente ao seu superior; que fará que o Agricultor a sustente por proprio interesse, e que o Negociante a enriqueça; que fará que o Artista, e o

sabio, tenhão recompensa; que fará que os interesses do Rei, e da Nação, estejão sempre intimamente ligados; e que fará finalmente que se refirão sempre a hum centro commum de unidade, todos os interesses públicos, e particulares, unidade, que a ferrugem dos tempos, o egoismo, e immoralidade dos homens, havia ha muito tempo destruido. Sim, Portuguezes, raiou finalmente a aurora da vossa liberdade; chegou finalmente o tempo da vossa Regeneração politica; o tempo de excitar o sentimento da honra Nacional, e de tornareis a apparecer, no theatro do Mundo, Grandes, e Poderosos, como já fosteis; o tempo finalmente de sereis felices, e de concorrer para a gloria da Patria, esplendor do Throno, e prosperidade do Imperio Portuguez. He necessario porém, para conseguir tantos bens, e tantas vantagens, cumprir, e respeitar a Ordem estabelecida, as Authoridades legitimamente constituidas, e as Leis existentes, em quanto da Soberana Assembléa Nacional, e Cortes da Nação, não dimanão outra nova Ordem de coisas, outras novas Authoridades, e outras novas Leis, que substituão as antigas: he necessario vigiar, como hum Argos, para que o espirito da concordia, paz, e união Constitucional, separe os bons dos máos, como o trigo do joio, os Constitucionaes dos serviz, e Corcundas, como membros podres, e gangrenados; a virtude do vicio, e a verdade do erro: he necessario finalmente continuar a ter por timbre da vossa gloria; fidelidade, amor, e respeito, a ElRei Constitucional, a S. A. R. o Principe Constitucional, e a toda a Sua Dinastia Constitucional; fidelidade, amor, e res-

peito, á Constituição, e aos Representantes da Nação; fidelidade, amor, e respeito, á Religião, e á Patria.

Eis-aqui, Senhor, a Memoria, em que faço a V. Magestade hnma pintura dos males, e desgraça pública, que, ha muitos annos, opprimião, e affligião Portugal, sem que os Governadores do Reino, e os Ministros de V. Magestade, cuidassem em outra cousa que não fosse cavar a sepultura da Nação, e da Patria: eis-aqui a Memoria, Senhor, em que mostro a V. Magestade o procedimento justo, generoso, e grande, que a Nação, em circunstancias por estremo criticas, adoptou, para salvar a Patria, e a V. Magestade de huma ruina desastrosa, e de huma dessolação geral, reintegrando-se na posse, e exercicio da Soberania, que lhe compete como Nação, e conservando a V. Magestade na posse, e exercicio dos Direitos e Regalias do Throno, que só competem a V. Magestade, como Rei: e eis-aqui a Memoria, Senhor, em que francamente exponho a V. Magestade, o estado de Portugal, a razão, o dereito, e justiça da conducta dos Portuguezes, o procedimento, que V. Magestade devia ter com elles, e com Portugal; não dando ouvidos aos perfidos conselhos de Seus Vallidos, Ministros, e Conselheiros, que todos, ou quasi todos, ou por ignorancia, ou por adulação, ou por interesse pessoal, não tem tractado mais que de illuderse a si mesmos, e elludir a V. Magestade; parecendo terem só em vista a destruição, e desgraça, do Throno, e da Nação Portugueza. Estes Vallidos, e Ministros, Senhor, tem levantado de roda do Thro-

no de V. Magestade, hum muro de bronze, impenetravel á verdade, á rasão, e á Justiça; tem constantemente fascinado os olhos de V. Magestade, para que não possa ver, nem os interesses de V. Magestade, que são só os interesses da Nação, nem os interesses da Nação, que são só os interesses de V. Magestade; e tem com impudencia, e descaramento inaudito, afugentado, vendido, e calcado, a virtude, a Justiça, a Lei, a razão, a honra, e o dever, sendo huns, e outros, directa ou indirectamente, os sanguessugas do Estado, e os inimigos do Rei, da Lei, e da Nação; sendo só o seu Rei, a sua Lei, a sua Nação, o seu egoismo, o seu caprixo, a sua vontade.

Os sentimentos, Senhor, que eu desenvolvo nesta Memoria, são os sentimentos de todos os Portuguezes, os quaes V. Magestade deve accreditar como lingoagem ingenua da verdade, da razão, e da Justiça; e, se todavia, V. Magestade, ou alguem, nella encontrar algum pensamento, ou proposição menos verdadeira, póde accreditar, que he erro do meu entendimento, e não da minha vontade, do qual estou prompto, e com toda a docelidade, a retratar-me, (logo que se me mostre a verdade) agradecendo muito a quem me instrua, pois que o meu desejo foi sempre, e he só o instruir-me, e habilitar-me, para cada vez poder ser mais util a V. Magestade, aos meus Concidadãos, e á minha Patria.

F. I. M.

C 921
M672m

ERRATAS.

Pag.	*Lin.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	6	ElRoi Nosso Senhor	ElRei o Senhor D. João Sexto
13	26	ajoelhando	aproximando-me
14	33	Vimieiro	Vimeiro
20	11	os guardas	as guardas
38	17	Ministro	Ministerio
44	35	tinha	tinhão
47	26	a prosperidade	e prosperidade
59	7	das brancas	dos brancos